

MARIÁ POLIS

1·2 2018

NOTICIÁRIO DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

ANNO XXXV JANEIRO·FEVEREIRO

Poste Italiane s.p.A. | Speciazione in abbonamento postale DL. 353/2003 (conv. in L. 27/02/2004 n.46) art.1, comma 2 e 3 | Aut. GIPA/C/AM/3/2012 | taxe perçue | tassa riscossa Roma

Na Síria
A preciosa
arte de
recomeçar

**Nova
Configuração**
Uma rede da EdC
na Europa oriental

**Objetivo
Fome Zero**
Na primeira linha,
as novas gerações

A mais poderosa revolução social



Roma, 20 março 1983. Chiara Lubich em Palaeur

[...] **Viver segundo a Boa Nova**, desencadear no mundo a revolução evangélica é sinónimo de desencadear também a mais poderosa revolução social.

Hoje, no mundo, existem desníveis sociais? Os ricos e os pobres vivem ainda em margens opostas?

14 de março de 2018. 10º aniversário da morte de Chiara Lubich, dedicado à ação do seu carisma como motor de transformação social.

Nós acreditamos, como Maria - e graças a Deus vimo-lo atuar-se em vários pontos do nosso planeta -, que a lei do Evangelho, colocada em prática, pode efetivamente cobrir de bens os famintos e «despedir os ricos de mãos vazias». (Lc 1,53).

Nós testemunhamos que a bem-aventurança da pobreza (Lc 6,20) e a advertência de Jesus «ai de vós, ricos» (Lc 6,24), levadas a sério, podem dar um notável impulso ao restabelecimento do equilíbrio social.

Existe hoje o problema do desemprego, dos idosos, dos marginalizados, dos deficientes, da fome, os múltiplos problemas do Terceiro Mundo? Não nos ensina toda a história cristã que a página do Evangelho, relativa ao exame final de cada cristão - «Tive fome e deste-me de comer...» - (Mt 25,35 ss), ofereceu extraordinárias soluções?

E não experimentamos também nós que, se forem postas em prática com empenho

quotidiano, segundo as exigências atuais e com métodos adequados ao nosso tempo, podem resolver muitos destes problemas?

E o «dar», que o Evangelho requer («Dai e ser-vos-á dado»), que garante a promessa de «uma boa medida, cheia, calcada e trasbordante» (Lc 6,38), que o nosso Movimento muitas vezes constatou, não será também uma atitude concreta que pode aliviar quem está na miséria, na fome, na solidão, carente de tudo?

É também uma experiência quotidiana que, «pedindo» como o Evangelho nos ensina, se obtém (Lc 11, 10); que «o resto» ('o resto' que, para uns, pode ser a saúde, para outros o emprego, para outros, ainda, a casa ou um filho ou quanto necessita) vem por acréscimo (Mt 6, 33).

[...] O homem, ao construir a cidade terrestre, pode edificar desde já algo que não passa, porque pode contribuir com o seu esforço, com o seu trabalho, para os «Novos Céus» e a «nova Terra» (2 Pt 3,13) que o esperam. Cristo redimiu com o cosmo também a atividade humana, ou melhor, redimiu também as obras do homem. O Universo não será anulado, mas transfigurado. Não haverá interrupção entre o aquém e o além, mas continuidade. Também os bons frutos da natureza e da nossa operiosidade (ou seja, quanto construímos dia após dia) não só não desaparecerão, mas reencontrá-los-emos purificados, iluminados e transfigurados¹. É uma verdade exaltante. É uma visão consoladora e sublime da vocação do homem, chamado a transformar a Terra com o seu próprio trabalho. Mas há uma condição para que tudo isto aconteça. As

«A surpresa»

O Papa Francisco vai a Loppiano

Estávamos para encerrar este número quando nos chegou a notícia da visita do Papa Francisco à Cidadela de Loppiano, prevista para o dia 10 de maio de 2018. «O anúncio suscitou em mim surpresa e uma alegria profunda», comentou logo, ainda a quente, a Emmaus Maria Voce. «É uma grande honra para o Movimento dos Focolares receber um Papa, numa nossa cidade-la. Mas é, sobretudo, um impulso para intensificar o esforço de viver o amor e a unidade, enraizados no Evangelho. É este sopro de evangelho vivido que queremos que o Papa Francisco possa encontrar quando chegar a Loppiano».

Notícias mais atualizadas e o vídeo com o anúncio da Emmaus às comunidades dos Focolares em: www.focolare.org/notiziariomariapoli

obras do homem permanecerão, se tiverem sido edificadas no mundo, segundo o mandamento do amor².

Ora, quem nos garantirá que o nosso esforço é aplicado desta maneira? Quem nos dirá que estamos realmente a construir sobre a rocha do amor, assegurando-nos assim que quanto fazemos não morrerá? Será Jesus no meio de nós. Jesus entre nós sublima a pequena e grande sociedade, fá-la ser, simultaneamente, célula da cidade terrestre e célula da cidade celeste. [...]

Chiara Lubich

Da mensagem para a Jornada do Movimento Humanidade Nova, Roma Palaeur, 20 de março de 1983. (Arquivo Chiara Lubich)

¹ Cf *Gaudium et Spes* 39

² Cf *Gaudium et Spes* 38

14 de Março 2008 – 2018

Chiara Lubich - a dez anos do seu nascimento para o Céu

Um aniversário importante, com foco na renovação social que provém da atuação do carisma de Chiara. A celebração não se limita ao dia 14 de março. Prolonga-se ao longo de todo o ano, de diversas formas, segundo a expressão de cada comunidade do Movimento.

Um ano para reviver e evidenciar o pequeno «magnificat» gerado pelo seu carisma – a ação social de Chiara e as inúmeras experiências que evidenciam que, seguindo os seus passos, é possível interagir com o pedaço de mundo em que vivemos, proporcionando uma mudança.

No dia 3 de março, no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo, com o título: «A grande atração do tempo presente», haverá um evento onde se apresentarão as numerosas experiências de vida e reflexões, que podem oferecer uma resposta à humanidade, que anseia equidade, justiça social, paz, esperança.

Vão-se apresentar algumas das organizações «sem fins lucrativos» que nasceram, em várias partes do mundo, assim como algumas pessoas, individualmente,

que, graças à dimensão social do carisma de Chiara, se tornaram verdadeiros motores de transformação. Penetrar-se-á no património cultural do Movimento, mas, de maneira especial, na pessoa de Chiara que, desde os primeiros tempos, se dedicou às feridas da humanidade. Ao longo do tempo, com paixão e criatividade, ela convenceu também empresários, jovens, famílias, gente comum, a criar uma rede mundial de obras sociais. Verdadeiros estaleiros de desenvolvimento, de apoio, acolhimento, que, na reciprocidade com quem é beneficiário, se concentram a trabalhar na promoção humana e social de quem é mais necessitado. Tudo isto são pequenos passos na realização da profecia de Jesus: «que todos sejam uma coisa só».

Editado por Anna Friso

Este evento do dia 3 de março será transmitido por *streaming* das 16 às 19 (hora italiana) Além do italiano, também o inglês, espanhol, francês e português. O material (fotos e escritos de Chiara, filmes) estará disponível num blog!

Quando estiver à disposição, serão envidas as respetivas indicações de acesso a Mariapolionline

www.focolare.org/notiziariomariapoli

Movimentos na Igreja

Carisma e Instituição

Em Roma, uma Jornada de estudos dedicada à relação, na vida da Igreja, dos dons hierárquicos e dos dons carismáticos

A questão do relacionamento entre os carismas, que são dons do Espírito Santo, e as formas institucionais, é central nesta jornada organizada pelo Instituto Universitário Sophia – Centro *Evangelii Gaudium* –, patrocinada pela Associação Canonista Italiana. Os trabalhos desenvolveram-se a 18 de janeiro, na Aula Magna do Palácio da Chancelaria em Roma, suscitando um grande interesse, já evidente nas respostas ao convite.

Maria Voce fez uma intervenção, como representante dos promotores: Focolares, Novos Horizontes, Família da Esperança, Comunidade católica Shalom, Comunidade Emanuel e Comunidade Papa João XXIII. «Os dons dados por Deus aos nossos Movimentos e Comunidades eclesiais – sublinhou na saudação de abertura – só são verdadeiros dons quando a Igreja os reconhece, na Igreja, para a Igreja e se difundem o seu perfume ao servir a Igreja».

O cardeal **Francesco Coccopalmerio**, presidente do Conselho Pontifício dos Textos Legislativos, moderador da primeira seção, representou assim a multiplicidade dos Movimentos que convergem na Igreja: «Assim como numa paróquia há muitas famílias, cada uma delas com a sua particularidade e a sua casa, e, ao do-



Roma, 18 de janeiro de 2018. Maria Voce saúda O card. Kevin J. Farrell

mingo, todas vão à igreja, da mesma maneira podemos dizer que cada Movimento vive na sua realidade, mas depois sai e reencontra-se com os outros na Igreja».

As Intervenções

O tema foi abordado à luz do documento da Congregação para a Doutrina da Fé *Iuvenescit Ecclesia*, de maio de 2016. O cardeal **Kevin Joseph Farrell**, presidente do Dicastério para os leigos, a Família e Vida, prevendo amplos horizontes para os Movimentos, na missão evangelizadora da Igreja, realçou a co-essencialidade dos dons hierárquicos e dons carismáticos: «A presença da instituição garante que o anúncio do Evangelho nunca irá faltar, enquanto a pre-



sença dos carismas garante que nunca vai faltar quem os receba de coração aberto».

Piero Coda, teólogo, presidente do Instituto Universitário Sophia, observou: «Uma questão ainda aberta é a que diz respeito à natureza dos Movimentos eclesiais, que, em virtude dos seus carismas de fundação, não exigem só uma nova forma jurídica de associação, mas também uma



Piero Coda, presidente do IUS

diferenciação de natureza jurídica, que possa manter, o melhor possível, as riquezas e a especificidade carismática de cada um». Prosseguiu: os Movimentos «estão a caminho de uma terceira fase, em que a eferescência carismática se dedica a descobrir os canais adequados para uma institucionalização equilibrada [...] para melhor poder expressar qual é o seu contributo específico».

O Monsenhor **Christian Hegge**, bispo auxiliar de Munique (Alemanha), comentou que «na Igreja é preciso criar «espaços», onde se viva a sinodalidade segundo o modelo dos Movimentos eclesiais, com um estilo espiritual de comunhão, de escuta recíproca dos ministros consagrados e dos cristãos batizados». Mas há que «integrar este estilo também nas leis eclesiásticas, no Direito Canónico. Ser sinodal não é só uma lei, é uma vida».

O sentido da intervenção do monsenhor **Luis Navarro**, docente de Direito Canónico e reitor da Universidade Pontifícia da Santa Cruz, consistiu em evidenciar que o direito não força nem limita um carisma, mas a sua função é conformar-se àquilo que



o carisma exprime e torná-lo visível. «Não há uma solução jurídica unitária e que satisfaça todos os Movimentos carismáticos. Há que se verificar, com a realidade de cada Movimento. Deve-se abandonar a ideia da medida única». Contudo, alguns dos elementos «não são negociáveis, porque, quando estes não foram respeitados, provocaram sérios problemas».

Com o padre **Gianfranco Ghirlanda**, falou-se da qualidade do poder de governo dos «moderadores leigos». «Segundo a história e a doutrina, não é possível excluir que o poder dos moderadores dos Movimentos eclesiais, na sua raiz, são da mesma natureza que a potestade dos bispos e dos sacerdotes. É claro que esse poder se reduz ao âmbito do próprio Movimento». Exemplo disso é a realidade que, por estatuto, seja guiada por leigos e abranja entre os seus membros muitos presbíteros. Num diálogo entre canonistas, coordenado pelo advogado **Carlo Fusco**, examinaram-se questões técnicas muito específicas e abertas.

Maria Voce, numa entrevista durante a conclusão dos trabalhos, declarou: foi uma oportunidade para «uma grande abertura, e a tomada de consciência da importância que podem ter estes Movimentos, num caminho, não apenas de experiência, mas também a nível de legislação e explicitação do que um carisma na Igreja pode fazer».

a redação

Focolarinas e focolarinos

O focolar, «casa de Maria»

Retiros anuais: multiformes e coloridos

Entre os meses de novembro e fevereiro os focolares reuniram-se como 'Grande Zona', por nação, por várias nações juntas ou até simplesmente entre várias «regiões» mais ou menos próximas. A intenção foi viver juntos os exercícios espirituais, que anualmente se fazem.

Este ano fizeram-se nos mais variados lugares. Só para citar alguns: Aman (Jordânia), Lima (Perú), Dresden (Alemanha), Melbourne (Austrália), Lahore (Paquistão), Kotobi (Costa do Marfim), Marienkroon (Holanda).

Com uma variadíssima composição: distintos, em conjunto focolarinas e focolarinos, ou até, como aconteceu em Quito (Equador), com a participação do nuncio apostólico, o monsenhor Andrés Carrascosa, «focolarino» entre os outros focolarinos. Uma grande variedade de estilos, portanto. Mas um só objetivo: aprofundar a união com Deus, mergulhar no tema do ano, redescobrimo o focolar como «casa de Maria», composta por filhas e filhos seus que querem, tal como Ela, fazer nascer e renascer Jesus no mundo.

Castel Gandolfo



A característica comum: uma viva e proveitosa comunhão, onde cada um podia fazer a experiência de partilhar tudo, e, na reciprocidade, sentir a coragem de viver a Palavra, seguindo o exemplo de Maria, cada vez com maior intensidade. Foi emblemático o propósito final das focolarinas da África de Leste, que se reuniram na Mariápolis Piero: «Sentimos o desejo ardente de reviver Maria e, como ela, ter um coração de carne».

Os retiros mais numerosos (1800 participantes, no total) foram os realizados em Castel Gandolfo, com uma forte participação dos continentes extraeuropeus e nos quais a Emmaus Voce e Jesús Morán participaram com os seus respetivos focolares.

A presidente e o co-presidente, nos dois encontros, contribuíram na comunhão (v. quadro). A Agnes van Zeeland e o Flávio Roveré, através de relatos de vidas, muitas

Kotobi (Costa do Marfim)





Castel Gandolfo

vezes heroicas, tornaram presentes os focolares que, nas suas viagens durante o ano, puderam visitar.

Na Ásia, terra de grandes diversidades culturais, climáticas e religiosas, os dois responsáveis das Secções encontraram o inabalável contributo que lá oferecem para a construção do «que todos sejam um». A experiência de Jogjakarta (Indonésia), onde recentemente teve início um focolar, que já está, em pouquíssimo tempo, rodeado de uma florescente comunidade, sobretudo de jovens, é sintomática.

Na casa onde vivem os focolarinos faltam ainda muitas coisas, tanto que o Flávio quis deixar algum dinheiro para que comprassem um micro-ondas, o que os encheu de alegria, imaginando já a rapidez com que podiam preparar as refeições. Depois, os focolarinos pensaram que era melhor usar o dinheiro para comprar uma fotocopiadora, para poder imprimir a *Palavra de vida* e o material de formação para a comunidade.

As Focolarinas da Zona da América

Central, que se reuniram na Cidadela "O Diamante", no México, escreveram: Cada retiro foi «construído com a contribuição de todos, vivido como corpo, com um programa que nos ajudou a aprender, com Maria, a viver como focolarinas. Neste contexto, o vídeo de Jesus Morán sobre "A fidelidade criativa" ressoou como um convite forte à coerência, à pureza, à santidade pessoal e à dos nossos focola-

res». Em Lahore, no Paquistão, o retiro das e dos focolarinos tornou-se inesquecível por causa da partida da Margaret para o Céu (ver p.37). Terminou na escuridão da noite, com as velas a iluminar o tapete de pétalas de rosa que cobriam o seu caixão.

Os 480 focolarinos e focolarinas de vida comum e casados da zona DACH (Alemanha, Áustria, Suíça), reuniram-se no Boulevard-Theater, que é o ex-centro de formação do partido socialista (Sed) da Alemanha de Leste, em Dresden, cidade com uma maioria da população sem referências religiosas e com uma grande presença luterana «que nos recorda o fim específico da Obra», escrevem eles.

Assim se expressam as focolarinas da Zona Andina, de Lima (Perú): «Foi para nós um conhecer-nos em Deus, que evidenciou o "fio de ouro" das nossas histórias pessoais e como povos. Foi muito interessante o tema sobre o discernimento e como o vivem os nossos povos andinos, ajudando-nos a perceber também os sinais das crises e a ma-

Dresda (Alemanha)



A imprescindível «incarnação»

As intervenções da Emmaus e de Jesús Moran, nos retiros em Castel Gandolfo, retomam e desenvolvem, com tonalidades diferentes, a viva comunhão daqueles dias



Emmaus: Devemos ter de mira o “Ut Omnes”, a fraternidade universal, mas é inútil pensar conseguirmos isso se não nos amarmos realmente no focolar, se não conseguirmos perdoarmo-nos, escutarmo-nos, e aceitarmo-nos até ao fim, e compreender as diferenças. [...]

Devemos descobrir o tesouro que está em cada um. Então o focolar torna-se aquele archo-te vivo, aquela chama acesa, que atrai. Meter-se “em saída” significa ser chama que queima. Então se vamos à comunidade ou aos gen3, etc. continuamos a queimar e queimamos também os outros».

Jesús: «Nas últimas páginas do *Paraíso*, que são de 1950, Chiara faz uma comparação entre a experiência do Paraíso e a Obra, e diz que o primeiro protótipo da incarnação é mesmo o focolar. Portanto, é a primeira coisa que devemos incarnar, que é premissa para todas as formas de incarnação na Obra [...]. E a experiência mais especial, pela intensidade – porque convivemos 24 horas por dia, por vocação – é mesmo o focolar, é ali onde deve resplandecer. Sem esta prioridade [...] podemos fazer outros tipos de incarnações mas não a nossa. Portanto não poderemos ser incisivos, nem fazer um serviço à Igreja e à sociedade, se prescindirmos da unidade do focolar.

Nós fazemos a experiência de Deus através da nossa humanidade, portanto é lógico que todas as dimensões do amor devem ser abrangidas. Tomemos por exemplo a comunhão dos bens: nós não podemos deixar de a fazer, porque a relação com os bens pertence à nossa humanidade. Depois os relacionamentos. Depois também a vida de oração, que é um facto também físico: silêncio, ajoelhar-se e encontrar ali o fundamento. O Azul fala-nos da nossa casa e de todas as dimensões sociais de cada cor. Não podemos fazer uma experiência de Deus sem cuidar do Azul, porque é como se tirássemos uma dimensão da nossa humanidade. Depois a saúde e a doença: também estas fazem parte da nossa humanidade. O estudo: se não estudarmos e não aprofundarmos, não desenvolvemos uma parte da nossa humanidade, portanto empobrecemos a nossa experiência de Deus. Depois a comunicação. Portanto toda a vida das cores.

Emmaus: ««Quando se esteve num focolar, mesmo se só por dois dias, e se ali se fez aquela experiência, fica-se outra pessoa. E quando se sai, mesmo se se estiver só, leva-se esta experiência aos outros. E esses dão-se conta que temos uma experiência que coincide com a exigência da humanidade. Portanto, tornamo-nos multiplicadores, tornamo-nos como um íman que atrai para esta vida.

Se nós conseguirmos fazer como Maria, [...] deixamos ser ela a viver em nós, deixamos que ela nos diga: tu não faças nada que eu penso nisso, sou eu a mãe de Jesus, portanto também a mãe de Jesus no meio. Sou eu que posso ajudar-te a gerá-Lo no focolar, eu que posso mostrar-te como é que se faz para O apresentar ao mundo».

neira de as superar. Na Missa dos votos e promessas, o núncio apostólico, monsenhor Girasoli, sublinhou o nosso “poder ser” Maria, na Igreja e para a humanidade».

«Contam os focolarinos que estavam reunidos também em Lima. Nós mantivemos os 3 Fs quando fazíamos comunhão: a Frase, o Facto, o Fruto, para conseguir expressar mais facilmente a experiência como tal. Dizer a “frase” da Escritura que propusemos viver, contar o “facto” em que se tentou aplicar e pôr em relevo o “fruto”, que brotou da vida».

Graças a este pequeno esquema comum, nos vários retiros espalhados pelo mundo, assistimos a uma infinidade de nar-

um focolarino casado: «No Panamá estão apenas as focolarinas, um focolar de portas abertas: a casa de Maria. É aí que os internos, também da parte masculina, encontram ajuda, e suporte; é aí onde se partilham as alegrias e as dores dos gen, das famílias e também as nossas, de focolarinos casados». «Ainda no Panamá, continua um focolarino da Costa Rica, há já vários anos fazemos o focolar temporário e, nessa ocasião, as focolarinas emprestam-nos a casa delas. Todas as terças-feiras ligamo-nos com os focolarinos casados, para o encontro de focolar. É uma modalidade que se harmoniza com as mudanças que a vida da Obra atualmente



Em Aman, na Jordânia, estavam 135, de vários países do Médio Oriente. .

rações simples e extraordinárias, ao mesmo tempo. Desde as aulas dadas na cadeia, por uma focolarina italiana que o aceitou por querer viver «em saída» e que provocaram a mudança de vida de muitos dos presos, até ao anúncio de uma doença, de um focolarino dos Estados Unidos, que conseguiu mover a caridade de todos. E o esforço de uma mãe que, ao querer conciliar o trabalho e a família, descobriu, na sua intensa vida do dia-a-dia, uma infinidade de oportunidades para amar.

Foram também significativas as experiências da Nova Configuração. Conta Beto,

requer.». Em Birmingham, a cidade mais multicultural da Grã Bretanha, com uma elevada percentagem de jovens, há agora um focolar que está presente alguns dias por mês: é formado por três focolarinas que fazem parte de três focolares diferentes da «zona». «Tentamos olhar “para além dos esquemas” – conta uma delas. Em 2015, o Arcebispo católico pôs à disposição uma casa, com a alegria de nos ter pelo menos alguns dias por mês, simplesmente para partilhar o nosso amor por Deus e para com as pessoas que encontramos. Isto coincidiu com a chegada do Gen Verde, que envolveu jovens cristãos, muçulmanos, hindus e sikh, ponto de partida para muitos contactos. Desde esse momento muitas e inesperadas pistas se abriram para nós. Parece-nos que vivemos “nos primeiros tempos”, continuando a experimentar a potência do carisma. Mesmo se é breve o tempo que passamos em Birmingham, surpreende o grande número de pessoas que vêm ao focolar e a felicidade que experimentam depois, nos encontros».

a Redação

Síria

Quem ficou por amor

A situação na Síria, depois de cinco anos de um conflito muito duro, permanece pesada e incerta, também para as comunidades do Movimento dos Focolares. Falámos com Robert Chelhod, focolarino sírio, natural de Aleppo.



Robert Chelhod, no centro, com os focolarinos em Aleppo

O Movimento está presente na Síria desde os anos '70 – explica Robert – e, como em todo o Médio Oriente, baseia-se sobretudo nos relacionamentos pessoais. Entre as pessoas circula uma vida de família, que liga todos e o contacto com as populações é muito direto. O focolar masculino, que se abriu em Aleppo, em 1990, e o focolar feminino, que se abriu alguns anos depois, estão no centro da comunidade desde sempre. Há uma vida social muito viva e os relacionamentos que se estabelecem são fortes. Isto veio em relevo, sobretudo, durante a guerra. Todas as atividades, que anteriormente estavam localizadas em diversas partes da cidade, nas paróquias ou nas escolas, continuaram a desenvolver-se no focolar, considerado o local mais seguro. E sucedeu o mesmo em Damasco, para onde,

entretanto, o focolar feminino se transferiu.

Para as pessoas, muito cansadas, desesperadas e sem qualquer perspectiva, o focolar é como um oásis de paz. Nós procurámos e procuramos acolhê-las, escutá-las e estar com elas sempre. Durante os combates, nada mais se podia fazer. Procurámos acompanhar cada uma, não só moral e espiritualmente, mas também economicamente. Através da AMU, conseguimos apoiar alguns projetos a favor das famílias, para as ajudar a sobreviver e encorajá-las a permanecerem ali, não obstante tudo. Esta também é a linha da Igreja: fazer o possível para que os cristãos permaneçam na sua terra. Muitos preferiram partir, sobretudo aqueles em que as bombas atingiram as suas casas e cujas crianças ficaram traumatizadas, ou até porque os filhos mais pequenos seriam forçados a ir para a guerra.



Aleppo. Preparam-se os presentes de Natal para os mais necessitados



Os cristãos encontram-se numa situação particularmente difícil. Como é que esta prova está a ser vivida no Movimento?

Na Síria, as pessoas do Movimento são, prevalentemente, cristãs. Há famílias que decidiram permanecer ali. Por exemplo, um casal de voluntários, que antes da guerra fundou uma escola para surdos, compreendeu, na oração, que Deus lhe pedia para ficar porque, senão, aquelas crianças não poderiam ter o sustento necessário. Eles próprios têm quatro filhos. Não é fácil tomar uma decisão tão heróica.

Na Síria, como noutros países do Médio Oriente, os cristãos existem desde o tempo de Jesus. Por isso, é forte o sentimento de pertença e é dilacerante partir. Entre os membros do Movimento, quem escolhe ficar ou partir, fá-lo conscientemente e com toda a liberdade. Um casal jovem decidiu partir, recentemente, para a Suécia, para assegurar o futuro dos filhos. Eram os assistentes Gen4. Para nós, trata-se de viver para a comunidade, sem ter quaisquer seguranças, prontos a recomeçar sempre a partir do zero.

Para além da presença mais ou menos numerosa dos cristãos, queremos permanecer ali pela Síria, pelo seu povo, muçulmano e cristão.

Que relacionamento existe com a Igreja local?

Existiu sempre um relacionamento entre os Focolares e os Bispos. Em Aleppo, são seis os Bispos católicos de ritos orientais diferentes. Com os outros Movimentos presentes no país, realizámos uma jornada de encontro, depois do Pentecostes de 1998. Todos, como nós, procuram fazer alguma coisa. Com a Cáritas local, pomos as mãos na massa, por assim dizer.

A maior parte das zonas destruídas era ocupada pelos muçulmanos. Estes foram deslocados para os bairros cristãos, onde não havia combates e os cristãos ajudaram-nos. Os Bispos referem que muitos muçulmanos dizem: “Compreendemos que vocês são cristãos pelo vosso amor”. A Igreja, com as suas instituições caritativas, ajuda toda a gente, sem distinção entre credos.

Lamentavelmente, há preconceitos: quando se fala de terroristas, pensa-se nos muçulmanos, mas sabemos que esses não são verdadeiros muçulmanos. Ocorreram perseguições quando o ISIS ocupou algumas aldeias cristãs e foram queimadas as igrejas e expulsos os habitantes, que fugiram para Aleppo ou para Damasco. Naquelas zonas não ficou nenhum cristão.

Mas o problema do êxodo dos cristãos não depende do medo dos muçulmanos, mas da falta de trabalho, das incógnitas sobre o futuro e do resultado da guerra.

O que é que podemos fazer concretamente?

A primeira ajuda é, sem dúvida, rezar pela paz. E, depois, interessarmo-nos sem nos basearmos unicamente nas informações que os media transmitem, que por vezes são muito superficiais. Já não existe o perigo

iminente das armas, mas agora há todo um trabalho de reconstrução pós-bélica, que nos espera. E isto significa educação para a paz, para o diálogo, formação humana. Há um trabalho de acompanhamento moral e psicológico para aqueles que sofreram traumas. Há muitas necessidades materiais a enfrentar. Quem ganhava 600 dólares, agora, devido à desvalorização da moeda, ganha 60, enquanto que o custo de vida se multiplicou dez vezes mais. A maioria das pessoas não consegue sustentar-se e pede ajuda às instituições muçulmanas, cristãs, às Igrejas, aos Movimentos. Da nossa parte, também graças à AMU, apoiamos 300 famílias anualmente, o que significa cerca de 1500 pessoas, ajudando-as a pagar o aquecimento, a comprar géneros alimentícios ou a fazer face às despesas médicas ou educacionais. Para as crianças há, também, as adoções à distância, um projeto já implementado antes da guerra, por algumas famílias sírias. Com a crise económica não puderam continuar, pelo que estamos a iniciar a colaboração com a AFN. Devemos, por isso, agradecer a todos os que, fora da Síria, nos mandaram a sua ajuda concreta. Há, também, o aspecto da reconstrução. Cidades como Aleppo ou Homs, no centro da Síria, estão meio destruídas.

Como prossegue a vida da comunidade do Movimento?

A vida da Obra nunca parou. Mesmo se muitos internos partiram, outros chegaram, graças a novos conhecimentos. Durante alguns anos não se conseguiu realizar a Mariápolis, porque era muito perigoso reunirmo-nos. Mas, em 2016, retomámos e participaram 145 pessoas. Para o próximo verão, prevemos uma participação de trezentas.

Ao cuidado de Gianna Sibelli

Aleppo. Si preparano i doni di Natale per i più bisognosi

Projetos AMU na Síria

www.amu-it.eu

- Apoio às famílias em Damasco, Homs, Kafarbo e Aleppo. 195 famílias ajudadas diretamente/cerca de 780 beneficiários indiretos
- Apoio à educação: 2 centros em Damasco e em Homs. 170 crianças acompanhadas/26 postos de trabalho/785 beneficiários indiretos
- Apoio aos doentes crónicos em Homs e em Kafarbo. 60 casos ajudados diretamente/240 beneficiários indiretos
- Formação profissional: curso de artesanato em Aleppo para os filhos das famílias deslocadas. 20 jovens em formação/11 postos de trabalho criados/132 beneficiários indiretos
- Escola EHIS de Aleppo: apoio à gestão e às atividades da escola para crianças surdas. 47 crianças/19 postos de trabalho/264 beneficiários indiretos

Para contribuir

C/C POSTALE N. 81065005

CÓDIGO IBAN IT74 D076 0103 2000 0008 1065 005

CÓDIGO SWIFT/BIC BPPHITRRXXX

ou

C/C BANCÁRIA N. 120434

EM Banca Popolare Etica - Filiale di Roma

CÓDIGO IBAN IT16 G050 1803 2000 0000 0120 434

CÓDIGO SWIFT/BIC CCRTIT2T84A

DIRIGIDOS A Associazione "Azione per un Mondo Unito - Onlus" - Via Cavalieri di Vittorio Veneto, 11 - 00046 Grottaferrata (Roma)

FINALIDADE Projetos Síria



Palermo

Memória e atualidade de um compromisso

A capital da Sicília celebrou o aniversário da atribuição da cidadania de Palermo a Chiara Lubich, no dia 20 de janeiro de 1998

A cerimônia para o vigésimo aniversário da atribuição da cidadania honorária a Chiara Lubich, ocorreu na mesma sala histórica da Câmara Municipal do Palácio de Aquiles. O presidente Orlando Leoluca (que a tinha atribuído em 1998, atualmente no 5º mandato) sublinhou que não se tratava de recordar um evento do passado, mas sim de lembrar um compromisso consolidado ao longo do tempo e vivido no presente. Chiara tinha-o expresso como uma profecia: “Palermo é uma terra com um designio extraordinário, um projeto que se desenrola e se revela no decorrer da sua história milenária”, e fez votos que «pela audácia e pela coragem dos seus cidadãos, saiba ser modelo para muitas cidades da Itália e fora de Itália, como uma verdadeira “cidade sobre o monte”».

O Arcebispo de Palermo, Corrado Lorefica, na sua mensagem, sublinhou «a profunda sintonia entre a cidade de Palermo e os valores contidos no Carisma de Chiara» e desejou que «a etapa de hoje encoraje, ainda mais, a prosseguir em direção à meta que ela, profeticamente, indicou».

Na sua carta, a Emmaus convidou a refletir sobre os frutos daquele programa: «Encorajovos a dividir os muitos fragmentos de fraternidade que, em consonância com as vossas raízes e com o empenho de muitos, se consolidaram durante estes anos».



Palermo, 20 de Janeiro de 2018. O presidente Orlando Leoluca (à esquerda) com membros do Movimento dos Focolares

O Domenico De Luca, voluntário, definiu a vida dos membros do Movimento dos Focolares: «Seguindo o estilo de Jesus – humildade e desinteresse – e tendo como única referência Jesus Abandonado, inserem-se no tecido social, partilhando a vida com todos. Ajudam-se e ouvem-se reciprocamente; nos momentos de necessidade ou preocupação, colaboram; esforçam-se por construir um mundo novo, lado a lado com os outros». Foi assim que se abriram espaços onde floresceu a «cultura do dar», a «cultura da unidade», e, como consequência, o compromisso em vários âmbitos: a colaboração no Centro de Ajuda à Vida para a Instituição do “Berço para a vida”, em defesa da vida que nasce; a colaboração com os voluntários de AVULSS nos cursos de formação para voluntariado e na garantia

da presença destes nos hospitais da cidade; o encontro de médicos, para uma ação conjunta no campo da medicina social; a ajuda concreta na «Casa de todas as pessoas», que hospeda crianças de famílias estrangeiras, favorecendo a integração social; a proximidade com algumas famílias e jovens do bairro Ballarò. Surgiram, além disso, encontros para o mundo da arte, seguindo-se espetáculos de beneficência. Quanto ao mundo da escola, a coordenação dos professores promoveu muitos projetos para prevenir o abandono escolar, cursos de interculturalidade ou experiências formativas. O Movimento também se dedica ao diálogo ecuménico e interreligioso. E muito mais...

Palermo, designada como capital italiana da cultura 2018, quer apresentar-se à nação e ao mundo não só no âmbito científico, histórico, artístico, mas sobretudo em termos da cultura dos valores, entre os quais se destaca a hospitalidade e a unidade. No discurso bem articulado do presidente Orlando, veio em evidência, precisamente, a categoria da hospitalidade, para a qual a cidade faz esforços significativos em favor de muitos migrantes que desembarcam nos portos sicilianos. Hospitalidade ligada estreitamente à prática da fraternidade universal (ver a “Carta de Palermo 2015” sobre a mobilidade humana internacional).

Por este motivo, o presidente da Câmara de Palermo decidiu aderir à Associação «Cidade para a fraternidade», inspirada no Carisma da unidade de Chiara Lubich. A cerimónia do dia 20 foi, também, uma ocasião para evidenciar a adesão e o empenho assumido por todo o Conselho Municipal de Palermo.

Para prestar homenagem a esta adesão,



vieram Pasquale Boccia, ex-presidente de Rocca di Papa, fundador da Associação e Stefano Cardinali, ex-presidente de Montecosaro (Macerata), membro do Conselho de administração da mesma. Eles falaram da sua difusão em muitos municípios de Itália e de uma expansão promissora em alguns municípios não italianos.

Momentos intensos, no final dos quais os responsáveis do Movimento dos Focolares em Palermo - Cristiana Formosa e Franco Mónaco -, apresentaram, em sintonia com as celebrações de «Palermo, cidade da cultura 2018», uma série de eventos que o Movimento está a organizar para o próximo mês de maio, com o objetivo de transmitir a cultura do diálogo, da unidade e da paz.

À tarde, a representação teatral do livro *Vento di scirocco a Palermo* (Vento Sirocco em Palermo), de Roberto Mazarella — jornalista e escritor de Palermo, empenhado no campo da legalidade e da cidadania ativa, que faleceu prematuramente — fez reviver o tormento de uma cidade que se esforça por resgatar os próprios valores.

Rosi Bertolassi



Com os jovens consagrados

Illuminados pela "Via Mariae"

De 27 a 30 de dezembro de 2017, Loppiano foi sede de um encontro de formação espiritual para 39 jovens de 10 Congregações, Institutos religiosos e Associações, diferentes. Eram de 14 nacionalidades

«Maria: no seu desígnio o meu, o nosso desígnio», foi o título do encontro. Entre os participantes, havia alguns que já tinham tido ocasião de conhecer o Movimento dos Focolares, para outros era o primeiro contacto. «Como vocês, também eu quero tornar-me uma pessoa que constrói a unidade. Conheci o Movimento por acaso e interroguei-me logo: – “Quem são estes? Porque me amam?”... Quis conhecer mais...» – disse Maria Anunciata, da Nigéria.

Poucos conheciam a Cidadela, com as suas múltiplas realidades e ficaram curiosos e atraídos por elas. Através das experiências dos cidadãos da Mariápolis permanente, o diálogo com os e as Gen, com os Gens (através de uma coligação skype), a Missa na Theotókos e o jantar nos focolares, entraram nas várias realidades e na vida de comunhão que tece os relacionamentos. Entre os temas abordados, todos profundos e com experiências incisivas, o de «Maria», apresentou-se em três pontos: «Maria Igreja», a «Via Mariae» e «Maria no Paraíso de '49». A *Via Mariae* iluminou melhor o percurso de quem já vive a espiritualidade de comunhão, mas foi sobretudo uma fonte de respostas às perguntas que cada um fez diante



das maiores ou menores dificuldades do percurso. «Contemplar Maria, toda Palavra vivida, fez-me voltar às origens da minha vocação, que começou por viver a Palavra de vida. [...] Conhecer a *Via Mariae*, especialmente Maria que perde Jesus, fez-me perceber que os momentos de escuridão devem vir e servem para consolidar a minha vocação e poder depois experimentar uma nova união com Deus. [...] No carisma da unidade vi a beleza dos carismas, muitas flores no canteiro da Igreja, e vi a beleza do meu carisma específico e a do meu fundador». (Omi, Italia)

O poder perceber que as crises não são um fracasso, mas etapas importantes da vida espiritual, foi para muitos uma viragem para recomeçar o caminho com Deus e consolidar o próprio chamamento.

Para além do diálogo interior com Jesus, foi-se a fundo no encontro com Ele no irmão, caminho concreto para partilhar

e seguir juntos, na riqueza enorme de nos sentirmos Igreja. Foi também uma preparação ótima para o Sínodo dos jovens, com um contributo concreto de respostas a um questionário, que será entregue aos Srs. Bispos sinodais.

Os três textos do *Paraíso de '49* sobre Maria, apresentados pelo Pe. Fabio Ciardi, uma novidade absoluta para a maior parte dos presentes, foram ouvidos numa atmosfera de silêncio interior e de contemplação.

Um caminho para todos

Eis como foram apresentadas as etapas da «Via Mariae»:

- 1) **A anunciação:** Deus incarna-Se em nós, depois do nosso «sim» ao Seu chamamento;
- 2) **A visita a Isabel:** lançar-se a amar e partilhar a descoberta do divino;
- 3) **O nascimento:** Jesus nasce e cresce em nós, entre nós;
- 4) **Simeão anuncia a cruz:** ser consciente disso e preparar-se;
- 5) **A fuga para o Egipto:** proteger a nova vida que nasceu em nós;
- 6) **A perda de Jesus:** é o momento da provação, tem-se a impressão de se perder Deus, mas nós escolhemo-Lo a Ele ou às suas dádivas?
- 7) **A vida em Nazaré:** uma convivência extraordinária com Jesus, no quotidiano e em segredo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem;
- 8) **A vida pública:** sair, incarnando o nosso carisma;
- 9) **No Gólgota:** a paixão de Maria e a vitória das suas virtudes, o ser impotentes, mas permanecer, no silêncio e na esperança;
- 10) **Com os apóstolos no Cenáculo:** como Maria, tornarmo-nos mães e pais espirituais no «*sentire cum Ecclesia*», tornar-se especialistas da comunhão.

Novidade – Formação Um instrumento precioso

Quatro DVD e dois CD, com os respetivos textos, em seis línguas: italiano, alemão, inglês, espanhol, português, chinês. É o conteúdo do «cofrezinho» com conversações de Chiara Lubich sobre «Maria», **que acompanham a formação das comunidades do Movimento dos Focolares** durante este ano. Para aprofundar o ponto da espiritualidade que se escolheu, tal como Chiara o compreendeu e nos comunicou.

O «cofrezinho» pode ser pedido a:
cscmedia.admin@focolare.org

«Também eu, como vocês, quero tornar-me uma pessoa que constrói a unidade», «A realidade da unidade é uma luz para viver na comunidade. Maria ajuda-nos neste caminho» – disseram.

Ao cuidado dos centros das consagradas e dos religiosos



Frutos da Nova Configuração

Uma rede EdC para a Europa oriental

Os primeiros passos da nova Zona da Europa oriental na perspetiva da Economia de Comunhão

Foto © Dominik Sepp x 4

Constituída em último lugar, a nova zona «Violeta» enfrenta o desafio de juntar 28 estados, com raízes muito longínquas, diferentes por história, religião, língua (são 25 línguas faladas), economia, etc. Mantidos juntos à força, durante setenta anos, pela ideologia comunista, como anular

formar uma única Zona representasse uma novidade imprevisível, criando uma certa resistência. Era preciso tempo para experimentar dinâmicas novas e encorajar-se reciprocamente. As perguntas feitas ao longo deste tempo de espera - como se fará? Como será?

- transformaram-se em alegria, quando finalmente a Zona se lançou. Era uma surpresa poder começar juntos algo de novo, onde cada um podia dizer: «Tudo dependerá de mim, não do Estado, nem dos sistemas. Dependerá de mim, tanto quanto conseguir partilhar com

outros. Deste modo conseguiremos sarar as nossas feridas. O comunismo, que nos tinha sido imposto, já não existe. O capitalismo também faliu, não nos resta que experimentar, na nossa própria pele, a "comunhão" entre nós, entre Países

aquelas barreiras invisíveis que inevitavelmente existiam entre os vários povos, provocadas por feridas e preconceitos históricos? A unidade entre estes povos era só uma etiqueta ideológica.

Não nos deve admirar por isso que o projeto de



Luigino Bruni

ligados por um passado "negativo".

Com este cenário, perguntámo-nos o que é que a nossa Zona esperava da EdC.

Inicialmente pensámos propor um encontro de cerca vinte pessoas empenhadas no projeto, para se conhecerem e refletir juntas. Mas isso não nos pareceu suficiente. Tínhamos a possibilidade de construir uma nova «casa», uma nova Zona juntos, de nos abirmos a ouvirmo-nos de um modo mais profundo, de nos estimarmos bem como numa família onde, com simplicidade, há uma ajuda



recíproca. A EdC tem muito a fazer nestes nossos Países, onde as necessidades são muitas, assim como as potencialidades empreendedoras a despertar. Por isso é preciso lançar-se com coragem e confiança recíproca, na procura de caminhos certos, aproveitando os imensos jovens que desejam empenhar-se numa mudança.

Contactámos todas as comissões nos lugares onde a EdC pôs raízes. Algumas desde 1991 e ainda hoje ativas, outras que se apagaram entretanto, devido à existência de feridas e incompreensões e outras morreram à nascença. Realidades várias com diferentes dinâmicas, mas todas já conscientes de estar no mesmo barco e de querer começar a navegar e tomar uma direção, esperando que seja a certa. Caso contrário, a própria experiência corrigi-la-ia. O importante era estar juntos para atingir o objetivo pelo qual a EdC

nasceu, não para «nós» mas para os pobres, no mundo. É uma dádiva, não um dever; uma proposta, não uma obrigação. É baseada sobre a liberdade, e não uma coisa forçada.

Envolvemos também neste caminho as pessoas que trabalham no âmbito da economia, nas zonas; todos os que, de alguma maneira, seguem e participam (ou participaram) na comunhão de bens no território e experimentam a vitalidade dela.

Este conjunto de pessoas encontrou-se em Bratislava, de 8 a 10 de dezembro de 2017, com o apoio da Comissão Internacional da EdC, representada por Luigino Bruni, que lá foi propositadamente. Um encontro com a participação de 70 pessoas, de 15 países. Durante uma tarde aprofundaram as bases fundamentais da EdC: pobreza, empreendedorismo e cultura.

Entretanto, iam-se formando redes, entre os participantes. Faziam projetos para se comunicarem mais vezes e de fazerem um caminho juntos,



Maja Calfova, economista de Košice, casada, com quatro filhos, uma jovem imersa no estudo, na investigação, no desenvolvimento da Economia de Comunhão e membro da Comissão internacional

mesmo a nível da formação. Alegria, vida, vontade de fazer, era comum em todos.

E isto não só como membros das Comissões da EdC ou trabalhadores, com vários títulos no campo da economia, mas todos iguais, como habitantes empenhados e construtores desta grande parte da Europa, para que, à volta deles, não haja nenhum pobre. Reunidos em equipas locais, lançaram este desafio com o carisma da unidade no coração e desejosos de se perderem na multidão de gente que os rodeia. É um início, ainda não existe «uma história», mas cá estamos!

A Emmaus acompanhou este caminho, encorajando-o para que: «também através de nós, Jesus possa embeber a humanidade de hoje com "aquela" comunhão, que tem as suas raízes no Céu».

Maja Calfova



O focolar em Istambul

Uma ponte, ao longo de 50 anos

A Obra de Maria na Turquia poderia definir-se como uma semente ou melhor, uma profecia. Voltando aos inícios, há 50 anos



© CSC Archivio

O Patriarca Athenagoras com Chiara Lubich e alguns entre os primeiros dos Focolares, em Instambul. A direita Aletta Salizzoni, e ao lado do Patriarca, o p. Angelo Beghetto

Estávamos cerca de 200 pessoas no dia 12 de janeiro, na Igreja de Santo António, em Istambul – a antiga Constantinopla, – num «obrigado» coral a Deus por aquilo que operara nestes 50 anos, desde que o focolar chegou. Entre nós também a Olga Maria Rodriguez e Dorival Spatti, conselheiros no Centro da Obra para o Médio Oriente.

A Missa, solene e participada, foi presidida pelo Bispo local e concelebrada pelo Núncio, pelo Corepiscopo da Igreja siro-católica (um dos nossos primeiros gen), e por outros sacerdotes. Estavam representadas várias Igrejas: o Grande Arquimandrita delegado do Patriarca Bartolomeo, um Bispo armeno apostólico e um Metropolita siro-ortodoxo.

Depois, no salão contíguo, o programa prosseguiu desfolhando um album de fotos da nossa história. Muçulmanos, cristãos autoctones e de passagem alternaram-se como vozes diversas de uma harmonia que exprimia gratidão a Deus e ao Carisma.

A alegria do presente é também reconhecimento a muitos... «Como testemunha

direta desta experiência - escreveu-nos a Emmaus - com alegria viva, emoção e gratidão uno-me ao agradecimento coral. [...] É uma meta que reúne dores, fadigas, mas sobretudo alegrias e surpresas do Amor de Deus, que sempre guiou um sincero diálogo em cada relacionamento fraterno».

Um obrigada especialíssimo a Chiara, que pessoalmente quis este focolar, e muitos outros protagonistas.

«Na manhã de 7 de Dezembro de 1967 - é Aletta Salizzoni que conta - fui saudar Chiara, no seu focolar em Rocca di Papa. [...] Quando cheguei a Istambul havia neve e fazia muito frio». Assim descreve o dia da sua chegada à Turquia. Mas como se chegou àquele momento? Demos um passo atrás.

«Sendo desde há algum tempo superior dos frades conventuais, próximo da igreja de Santo António em Istambul, o pe. Angelo Beghetto, também chamado Nazareno, teve modo de conhecer o Patriarca Ecuménico Ortodoxo de Constantinopla Athenagoras I

Patriarca Athenagoras – Chiara Lubich

A Cátedra Athenagoras – Chiara Lubich, aberta a 14 de dezembro de 2017, no Instituto Universitário Sophia, em Loppiano, é um unicum no panorama académico internacional, pois foi instituída conjuntamente pela Igreja católica, na pessoa do arcebispo de Florença, card. Betori, e da Igreja ortodoxa, na pessoa do arcebispo ortodoxo da Itália e Malta, Gennadios Zervos.

Objectivo da Cátedra é aprofundar a herança destas duas figuras proféticas, da sua «paixão» comum pela unidade dos cristãos, estudando as implicações doutrinais e sociais do caminho ecuménico em direção à plena unidade, e oferecer um percurso de formação qualificado a quantos queiram dar o próprio contributo à promoção da plena unidade, ao serviço do encontro entre os povos e as culturas.

Na abertura, a 14 de dezembro, o metropolitano Gennadios Zervos definiu Chiara e o Patriarca Athenagoras «protagonistas e iniciadores de uma nova era ecuménica»: eles «abriram a porta e agora nunca mais ninguém pode fechá-la: não nos resta senão entrar» declarou o arcebispo ortodoxo. Se Athenagoras dizia a Chiara Lubich que, depois dos primeiros dez séculos dos dogmas e os dez séculos da divisão, agora inaugura-se uma terceira época, aquela do amor, «é esta a época na qual queremos penetrar» – afirmou o presidente de Sophia Piero Coda – «caminhando juntos com responsabilidade e decisão, abertos às surpresas do Espírito».

A ideia da Cátedra nasceu num outro momento histórico, em outubro de 2015, quando o Patriarca Ecuménico Bartolomeo I recebeu em Loppiano, pelo Instituto

Universitário Sophia o primeiro *doutoramento h.c.* em Cultura da Unidade.

O ciclo das lições do ano académico 2017/2018 vai iniciar-se em março e tem com tema «A eclesiologia da Igreja ortodoxa e o caminho do diálogo ecuménico com a Igreja católica». Um dos professores é o metropolitano Maximos Vgenepulos, do Patriarcado ecuménico de Constantinopola.

Loppiano, 14 dezembro de 2017. O metropolitano Gennadios Zervos com mons. Piero Coda, na inauguração da Cátedra ecuménica



que, ouvindo falar de Chiara [anteriormente, tinha já lido artigos sobre o Movimento], lhe comunicou: “Eu quero conhecê-la”. Chiara, àquele convite respondeu sem demora e partiu quase imediatamente. A 13 de junho de 1967 aconteceu o seu primeiro, histórico encontro [...]. O Patriarca desejou que em Istambul se respirasse este ar novo e, para isso, pediu que se abrisse um focolar ali, para partilhar a sua ânsia de unidade com a Igreja de Roma», conta a Aletta, um dos testemunhos privilegiados dos primeiros contactos entre a Obra, e o Patriarcado ecuménico. Uma semente, que agora vemos transformada numa árvore com maravilhosos e imprevisíveis desenvolvimentos e aberturas. Destes, a última em

ordem cronológica, é a Cátedra Athenagoras – Chiara Lubich (v. caixa).

Foi uma rede surpreendente de relacionamentos e de encontros, numa estima e comunhão crescentes, que nos fazem experimentar muitas vezes que a unidade é já uma realidade.

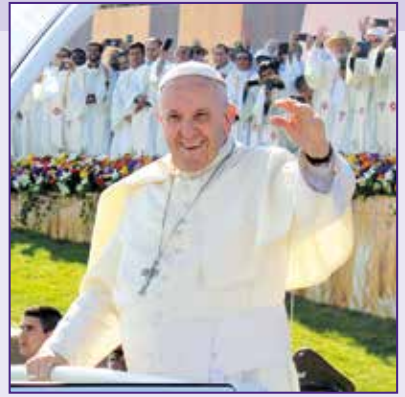
Chiara voltou diversas vezes: vinte e cinco foram os seus encontros com Athenagoras. «Era um grande carismático, - escreveu - o maior que eu conheci fora da Igreja católica. E, como tal, também um profeta, que previa o futuro e sofria porque o presente era só espera».

Depois da sua morte, os relacionamentos continuaram com o seu sucessor, o Patriarca Demetrio I, e depois de 1991, com o Patriarca Bartolomeo, que Chiara tinha conhecido desde jovem diácono.

E agora, 50 anos depois? Milhares de contactos, no interior da minúscula comunidade católica, com os cristãos dos vários ritos e das diversas Igrejas presentes, leigos, Metropolitas, Bispos, Patriarcas, que nos mostram aquilo que o carisma da unidade fez florescer nestas terras. E não só em Istambul, mas em diversas regiões da Turquia. Se depois pensarmos no multifacetado mundo do Islão, desde o sufisma até a um difuso secularismo prático, vemos compôr-se um mosaico que é a característica do povo da Turquia dos nossos dias.

Quais são as surpresas que nos esperam no futuro? O Pe. Luigi Iannitto, um dos nossos pioneros, felicíssimo com os seus 97 anos, já se alistou para o próximo encontro, daqui a 50 anos, para celebrar a nova meta!

Umberta Fabris



Chile. Um milhão e meio de chilenos e peregrinos dos Países confinantes envolvidos, três as cidades visitadas, que bem evidenciam a diversidade deste País. Encontros oficiais programados, grande proximidade com as pessoas nas suas várias tradições e um património de discursos e gestos, cuja preciosidade só com o tempo, pondo em foco o empenho na unidade, compreenderemos. Foi este o balanço de três dias passados no Chile com o Papa Francisco. No dia anterior à sua chegada, o O'Higgins Park estava apinhado desde o amanhecer. Ali o Papa, numa Missa diante de mais de 400 mil pessoas, chamou-nos a «semear a paz contando com a proximidade e a vizinhança! A força de sair de casa e observar os rostos, de ir ao encontro de quem se encontra em dificuldade, de quem não foi tratado como pessoa, como um digno filho desta terra». Em Temuco, ao sul, com a presença de populações indígenas que sofreram graves violações dos direitos humanos» na celebração da Eucaristia, houve um



O Papa Francisco no Chile e no Perú

«Sejam artesãos da unidade»

Santiago del Cile, Temuco, Iquique e da lì in Perú a Lima, Trujillo e Puerto Maldonado, dove per la prima volta un Papa ha messo piede in zona amazzonica. L'ultimo viaggio di Papa Francesco in terra latinoamericana ha lasciato una traccia profonda nelle comunità dei Focolari

momento simbólico com os *mapuches*, numa oração pela terra e pela vida. «A arte da unidade exige e requer autênticos artesãos, que saibam harmonizar as diferenças nos "laboratórios" dos lugares, das estradas, das praças e das várias aldeias. A unidade não é uma arte de escrivaninha, nem feita só de documentos, é uma arte de escuta e de reconhecimento. Nisto está enraizada a sua beleza e também a sua resistência ao passar do tempo e das intempéries, que deverá enfrentar» disse Francisco.

Iquique, a norte, com a sua variedade de culturas e o desafio dos povos migrantes, assinalou o adeus desta viagem, com uma festa colorida e multicultural em honra de Nossa Senhora do Carmelo, sobre a praia Lobito.

O Papa Francisco encontrou uma perfeita sintonia com os jovens, no encontro no santuário de Maipú, onde os convidou a assinalarem no telemóvel a *password* do chileno San Alberto Hurtado:

«O que é que faria Cristo no meu lugar?».

«Deu-nos o exemplo, demonstrando que é necessário recomeçar desde o início, depois de se ter cometido um erro», comentou Pablo. «Agora cabe a todos perceber a mensagem e agir», disse a Consuelo, uma gen. Focolarina e focolarino participaram também no encontro com sacerdotes e consagrados, na Catedral de Santiago e em diversos momentos na nunciatura, onde o Papa expressou um grande afeto pelo Movimento dos Focolares.

E, no avião que o levava de regresso a Roma, confessou que um dos momentos mais emocionantes da sua viagem foi o encontro com os reclusos da cadeia de Santiago. Uma visita que deixa uma herança para este País, que está perante um enorme desafio, diante de uma rápida diminuição de fiéis... Uma visita que se previa «difícil» mas que o Papa Francisco descreveu como «estupenda», pondo a agulha da balança sobre a proximidade do povo e a convicção a seguir os ensinamentos do Evangelho.

Santiago Mampel

| Santiago do Chile. No Parque O'Higgins





Perú. Um caminho novo é possível. Um índice de pobreza que supera os 20%, discriminação social que atinge as mulheres, as crianças, os idosos; populações que vivem a 4000 metros, praticamente isoladas; divisões políticas e corrupção avassaladora: estes alguns aspectos do Perú, não só católico, que esperava o Papa Francisco. Ao lado disto, e o pontífice elogiou-a muitas vezes, uma riquíssima religiosidade popular, que impulsionou a ir ao seu encontro, massas de pessoas, vindas das cidades e sobretudo das províncias. Nesta terra, que Francisco definiu «Ensantada» (terra de santos), «caminhar» – outra palavra chave que ele nos deixou – significa para nós encontrar elementos do Verbo, a valorizar e incentivar no mundo andino, incluindo as populações amazônicas, e na sua religiosidade.

Agora, após a sua partida, experimenta-se uma «plenitude de alegria», que é aquela de todo um povo que expressou o seu afeto, com uma presença em massa, em cada momento; pelas estradas, nos lugares de encontro e nas Missas privadas ou públicas, gerando uma comoção indizível.

Além da proximidade física, foram fundamentais as emissoras de rádio e televisão, que permitiram que milhões de peruanos seguissem e acompanhassem o Papa, gerando uma sintonia extraordinária com a sua pessoa e as suas palavras.

O que vivemos nestes três dias com o Papa Francisco no Perú, confirma que o povo peruano é profundamente católico e lembramos que Jesus continua a caminhar nas nossas estradas, como ontem, batendo às nossas portas, tocando os corações, para poder voltar a incendiar-nos de esperança e de projetos. Hoje o

Senhor convida-nos a ser discípulos missionários, cristãos sem medo, felizes, porque o Senhor está sempre conosco. A nós a responsabilidade de o fazer, com a ajuda do Espírito Santo, que deu, através de Chiara, um Carisma para a Igreja e para esta humanidade.

Entre muitas palavras fortes que o Papa Francisco nos deixou, estas perguntas chamaram-nos a uma conversão: «Como acenderemos a esperança, se faltam os profetas? Como enfrentaremos o futuro se falta a unidade? Como fazer chegar Jesus nos nossos lugares se faltam discípulos audazes e corajosos?»

O tema desta viagem era: «Unidos pela esperança». Unidade e esperança, tão queridas a todos. Queremos fazê-las nossas, para que o Ideal possa ser, no Perú, instrumento de unidade e sinal de que um novo caminho é possível.

Lidia Erbetta, Walter Cerchiaro

Famílias

Dois destinos, um único objetivo multiplicar os focolares

De entre os muitos focolares temporários realizados em 2017, a experiência na Bielorrússia e Nova Caledónia de duas famílias-focolar «em saída», enviadas precisamente como famílias

Dos Alpes ao Pacífico

Foi a aventura que viveram Patricia e Jean-Michel Besson, família-focolar suíça, criadores de cabras com uma fábrica de laticínios, quatro filhos e cinco netos. Facilitados pela língua comum, o francês, responderam com alegria ao convite para se deslocarem à Nova Caledónia para partilhar, dez anos depois do fecho do focolar de Noumea, um troço do caminho com a florescente comunidade. É composta por cerca de cem pessoas, entre as quais pessoas das ilhas vizinhas Wallis e Futuna, também do território ultramarino francês.

Aqui a cultura está baseada na família. Por isso desejavam a presença de uma família-focolar, para aprofundar a beleza da família no sacramento do matrimónio. «Foi o que tentámos fazer - contam os Besson -, aproveitando ao máximo aquele momento de graça para viver o mais radicalmente possível a nossa vocação de esposos, à luz da espiritualidade da unidade. Sabíamos que só Jesus no meio entre todos podia saciar as suas expectativas». Nos mais de 50 dias de permanência naquela sugestiva parte do mundo, o casal suíço participou em



Patricia e Jean-Michel Besson

week-end de apresentação do Movimento, vigílias de oração, visitas às autoridades civis e eclesiais, encontros com jovens e adultos. Foram também apresentados ao presidente da comunidade muçulmana, mas sobretudo houve muitas possibilidades de se encontrarem com as famílias. O

Com a comunidade na Nova Caledónia



Ordinário do lugar quis felicitá-los pelo contributo das pessoas do Movimento na catequese e na formação de jovens através das iniciativas de 'Jovens para a unidade', grato pela ação de paz que eles desenvolvem entre as várias etnias. «A atividade mais relevante – continuam os Besson – foi a «mini mariápolis» em Pouébo, a seis horas de carro de Noumea, na qual participaram muitos catequistas da tribù Kanak. A experiência de nos sentirmos irmãos de pessoas culturalmente tão diferentes, fez-nos descobrir a força do carisma, que harmoniza tribos ligadas a costumes ancestrais, sujeitas às decisões do clan. Também nos tocou a grande capacidade das pessoas em reconhecer o amor de Deus, mesmo nas situações de dor. Para nós, termos de nos desapegar dos nossos hábitos e comodidades, também da Internet, foi muito salutar. Voltámos retemperados espiritualmente, constatando que, paradoxalmente, a ligação com os nossos filhos, que se sentiram desafiados pela nossa coragem em responder a Deus, se fortaleceu».



Da Andaluzia à Bielorrússia

«Ao preencher a grelha, deixámos em branco o destino. O anúncio de que éramos esperados na Bielorrússia deixou-nos espantados: não sabíamos a língua, não temos competências específicas, nem sequer sabíamos onde ficava, tivémos de procurar num mapa. Porém, todos estes medos, rapidamente deram lugar à confiança em Deus, certos de que Ele nos ajudaria». Quem conta é a Pilar Acero e o Iberto Consuegra, ambos veterinários de Almeria (Espanha), com dois filhos de vinte anos. A partida seria em breve, por isso tiveram que tratar de tudo imediatamente, para os aspectos burocráticos e para conseguir a autorização no trabalho. Esta não era um

problema: já tinham decidido utilizar as férias. Mas, ao saberem que eles iam para a Bielorrússia, os outros membros do Colégio veterinário de que fazem parte, pensaram que podia ser uma oportunidade para uma partilha entre os dois países. «Graças a um projeto de cooperação internacional, elaborado e aprovado em tempo record, os dias passados na Bielorrússia tornaram-se também uma "missão científica", com visitas a criações de gado e comparação das modalidades de alimentação de bovinos respetivas. Uma colaboração que causou o interesse dos media, com grandes reportagens nos jornais locais e em revistas especializadas,



Focolares temporários 2018

Um projeto aberto a todos os membros da Obra de Maria

Os Focolares temporários suscitaram uma corrente de partilhas, quer materiais quer espirituais, entre os membros, transregional e transcontinental! Quantas maravilhas, quantas experiências bonitas e incisivas, quanta vida do Ideal levada para lugares impensáveis, como se pode ver nas notícias do noticiário *Mariápolis*. Foi um contributo significativo para o «*Ut omnes*»!

Para 2018 queremos multiplicar estes Focolares temporários, convidando todos a participar no projeto. Mesmo se muitos não podem fazer diretamente esta experiência, todos podem participar rezando, procurando a providência para as viagens, e, sobretudo, intensificando a nossa doação, ali onde vivemos.

Com os Focolares temporários, a Obra propõe: ajudar na formação de jovens, famílias, etc; apoiar as comunidades mais distantes dos focolares ou levar o Ideal a novos lugares; abrir ou continuar os «Diálogos» segundo o nosso objetivo específico; apoiar as comunidades nas zonas com grandes desafios.

Para aqueles que queiram participar, é necessário programar esta experiência com os seus responsáveis. Pedimos que preencham até 15 de fevereiro de 2018 (hemisfério norte) ou 15 de março de 2018 (hemisfério sul) a grelha «Participantes Focolares temporários 2018» que se encontra no site: <http://all-one.focolare.org>

nome: UserAll1 password: FocTemp2018

Para qualquer esclarecimento: ut.omnes@focolare.org

Vania Cheng, Andrew Camilleri

que citavam frequentemente o motivo pelo qual estávamos na Bielorrússia. Nunca teríamos imaginado que esta viagem também fizesse com que se soubesse

da nossa escolha de vida em tão grande escala». Desde há uns anos que se abriu o focolar feminino em Minsk e era grande a expectativa da chegada de um casal que

acompanhasse, mesmo se temporariamente, o crescimento da comunidade sob o perfil «família». «O que fizemos? – explicam Alberto e Pilar –. Simplesmente unimo-nos às atividades: participámos numa peregrinação à Virgem de Budslaw, padroeira do País, onde as focolarinas animaram uma hora de oração, com meditações sobre Maria; fomos a um acampamento gen3, onde conhecemos rapazes formidáveis. Estivemos sobretudo com as famílias e as pessoas do lugar. Para além das barreiras sociais, culturais, linguísticas, conseguimos entender-nos, como por exemplo com a cozinheira da residência onde decorria o acampamento, ou a senhora no autocarro, que nos quis contar o seu sofrimento. Pensamos que se criaram vínculos importantes entre a comunidade da Andaluzia e a da Bielorrússia, um povo que ficará para sempre no nosso coração».

*Ao cuidado de
Maria e Raimondo Scottò*

Geração "Fome Zero"

Só quem tem grandes ideais é que faz a História

As novas gerações dos Focolares estão na primeira fila, ao lado da Fao, no projeto «Fome Zero» até 2030. Uma meta possível com a colaboração de todos e que nos envolve a todos

Os adolescentes e os jovens de hoje podem tornar-se a primeira geração a conseguir erradicar a fome no mundo. Pode parecer uma afirmação utópica. No entanto pode ser realidade. Quem o afirma são os 17 Objetivos

Desenvolvimento Sustentável (Oss) que, a 25 de setembro de 2015, os 193 Estados Membros da Onu aprovaram, empenhando-se a pô-los em prática nestes quinze anos (2015-2030). O segundo, o «Objetivo Fome Zero», está no centro do programa. Para o atingir são necessárias intervenções no setor agrícola e alimentar, com decisões políticas e económicas a nível mundial. Mas não basta. Apesar dos esforços, nos últimos anos a fome está a aumentar. É preciso uma mudança de rumo. Compreendeu-se que não se pode vencer a fome sem uma tomada de consciência e sem a participação



de todos os homens e mulheres do planeta.

Hoje o problema da fome é complexo e articulado, ligado a diversos fatores: conflitos, alterações climáticas, migrações, desigualdades e injustiças... De acordo com os dados fornecidos pela Fao, a Agência da Onu para a alimentação e agricultura, no mundo existem 800 milhões de pessoas que sofrem com fome, e mais de 600 milhões que sofrem de obesidade. Desnutrição, carência de micronutrientes e obesidade são, assim, problemas associados. É claro que, para

os vencer, é necessária uma mudança no estilo de vida, mudança essa que oriente para este objetivo as escolhas do quotidiano, que coloque no centro o amor pelos outros e pela Criação.

Para conseguir atingir este objetivo, a Fao decidiu apostar nas novas gerações. Assim, no dia 8 de setembro passado, numa reunião na sede central em Roma, dois dirigentes propuseram aos Centros internacionais dos Adolescentes e dos Jovens do Movimento dos Focolares que colaborassem neste grande objetivo. Os gen3 e os JpU, informados



Roma, 8 de setembro de 2017. A delegação dos Focolares na Fao

por carta, estão a aderir com grande entusiasmo. Os Jovens para um Mundo Unido aceitaram o desafio e inseriram-no entre as prioridades do seu percurso de construção de um mundo unido.

O empenho em vencer a fome e a pobreza esteve sempre estreitamente ligado à vocação dos Movimentos juvenis dos Focolares. Chiara Lubich em 1967, ao Movimento gen nascente tinha dito: «Por onde começar? [...] Procuremos também nós os jovens pobres, os últimos, aqueles que o mundo não considera, os que conhecem pouco a alegria, mas conhecem as lágrimas ou a fome». E, no nascimento do Movimento Jovens para a unidade, explicando que para chegar ao mundo unido era preciso percorrer caminhos «coloridos», tinha convidado a começar pelo «caminho vermelho» indo

ao encontro das crianças e dos jovens que sofrem de fome. Um compromisso sentido e atualizado também mais recentemente. A Emmaus Maria Voce, falando, juntamente com Jesús Morán, no encontro das Secretarias dos Jovens para a unidade e dos assistentes gen3, em 2014, observou: «Para mim é evidente que todo o mundo da adolescência na Obra fez muito para criar relacionamentos, para construir pontes, ações pela paz, fez realmente muito. Talvez tenham feito um pouco menos no que diz respeito ao problema da fome. [...] Está na hora de acordar nestes jovens o interesse por este problema, [...] não tanto para lutar contra o consumismo, mas para promover uma cultura de verdadeira comunhão de bens, promovê-la com as suas atividades, com a sua iniciativa, com as suas maneiras de ser, os seus sistemas [...]».

Para concretizar a adesão à «Fome Zero», o primeiro passo é envolver os da mesma idade, através de uma Carta de compromisso. Queremos difundir um estilo de vida sóbrio, marcado pelo amor pelo outro e fazer com que muitos participem numa cultura nova, baseada no dar e na partilha. E promover ações concretas, com troca de experiências e de ofertas entre quem vive economicamente bem e quem vive na pobreza. Far-se-ão publicações e usaremos canais web e social. A revista Teens, escrita por jovens e para jovens, iniciou uma rubrica dedicada ao objetivo #FameZero e o número de março-abril será dedicado a este tema.

Sobre o empenho para a «Fome Zero» concentrar-se-ão na Semana Mundo Unido (1-6 de maio) e na estafeta Run4Unity (6 de maio). E a proposta do próximo Genfest «Beyond all borders», para superar conflitos a nível pessoal e social, para transformar a vida em algo de mais belo, também passará por este objetivo, que será aprofundado mediante um Fórum em Manila, com a participação de um representante da FAO.

Anna Lisa Innocenti

Mundo eclesial

Uma viagem ao Oriente

Filipinas, Tailândia, Vietname. As três etapas da viagem de alguns representantes da secretaria do movimento paroquial e diocesano e dos centros sacerdotais e gens. Viram abrir-se estradas promissoras, em comunhão com as Igrejas locais destes Países

No «Oriente» o anúncio do Evangelho chegou no início do século XVI, com os primeiros europeus – portugueses e espanhóis – que tinham chegado, prioritariamente, por motivos comerciais. Com exceção das Filipinas, o cristianismo é, geralmente, uma religião minoritária. Os países são de maioria budista, muçulmana ou confuciana. Não é de admirar, portanto, que o Movimento dos Focolares, tenha chegado à Ásia sobretudo através de religiosos e sacerdotes missionários e se tenha inserido naturalmente na Igreja e, com frequência, se desenvolvam juntamente.

Nos meses de novembro e dezembro de 2017, pudemos fazer uma experiência original ao visitar alguns Países asiáticos, em sinergia com outros três Centros dos sacerdotes e diáconos focolarinos, movimento paroquial e movimento diocesano, gens. Viagens ricas de



relacionamentos, encontros e perspectivas.

Nas Filipinas, a primeira etapa foi no «Centro de espiritualidade da unidade, Epi» cujos participantes são na maioria seminaristas – 15 os presentes, de quatro nacionalidades – na cidadela de Tagaytay. Chegam geralmente com pouco conhecimento da vida Ideal, mas fazem um percurso de comunhão cada vez mais profundo. Na cidadela, a formação desenvolve-se em conjunto com todas as novas gerações.

Em Manila ficamos dois dias na paróquia de Moonwalk, confiada ao

Movimento desde os primeiros anos da chegada do focolar. Era muito bom para constatar a vida gerada nestes anos e os frutos que dá. O grupo de jovens é constituído por 140, rapazes e raparigas, e sente-se a importância de uma formação específica para eles na paróquia, porque muitos querem viver plenamente o Carisma, permanecendo dentro das estruturas da paróquia.

Com as e os focolarinos pudemos encontrar muitos sacerdotes das Filipinas e aprofundar o aspecto da encarnação do Carisma na Igreja local.

Na Tailândia visitámos a cidadela «Regra de ouro», com uma dezena de sacerdotes provenientes de todo o País, até com 12 horas de viagem. Dias vividos num clima de família e alegria, aonde o ambiente convida ao descanso e à partilha. Encontrámos



sacerdotes que trabalham na difusão da espiritualidade da unidade nos seus ambientes, em sintonia com os focolares. Encorajámo-los a serem protagonistas, eles próprios portadores do Carisma nos seminários, paróquias, escolas... Trabalhar mais com a Igreja local, também através dos sacerdotes da Obra. Este parece ser o «atalho» para a difusão do Ideal nestas nações, vistas as enormes distâncias e a vastidão da «messe» a evangelizar. A Mariápolis na Tailândia, este ano, realizou-se numa paróquia, com cerca de 500 pessoas.

No Vietname vivemos um «focolar itinerante», visitando Bispos, sacerdotes, seminaristas e algumas comunidades paroquiais no Norte do País. Uma viagem rica de relacionamentos, sobretudo com pessoas que conheceram o Movimento há muitos anos e procuram permanecer fieis onde se encontram.

Interessantes os encontros com vários párocos, que sublinhavam a importância de acompanhar a espiritualidade do Movimento com a pastoral e de não perder as ocasiões que se apresentam. O vigário geral de uma diocese disse-nos: «Uma ocasião que se perde, pode tornar-se uma dificuldade».

Recebemos encorajantes bênçãos e o convite para continuar os percursos já começados.

Prosseguindo por Ho Chi Minh City celebrámos o 7 dezembro com a comunidade. Relevante o encontro com um grupo de famílias e, na conclusão, com toda a comunidade e seus amigos, festejámos o Natal.

A visita ao venerável Thich Thien Tam, vice-presidente da comissão executiva dos budistas no Vietname, tocou-nos pela profundidade

e as muitas consonâncias com o Evangelho: «sois todos Buddha» e «todos filhos de um só Pai» – repetia-nos ele.

Realidades significativas que empenham a Obra no local, com duas escolas de crianças de rua, acompanhadas por pessoas do Movimento. Embora em grande e visível desenvolvimento, o Vietname interpela-nos ainda pelas muitas situações de pobreza e marginalização e pelo empenho da mesma sociedade em encontrar respostas. A presença de membros da Obra neste âmbito é um testemunho credível.

Na última noite, o jantar com as e os focolarinos, numa profunda partilha, fechou com «chave de ouro» estes dias tão intensos quanto ricos de perspectivas e esperanças. Parecia ter vivido sempre entre irmãs e irmãos de um único focolar.

Pusemos ao corrente o Mons. Kriengsak, cardeal de Bangkok, da viagem e das muitas pistas que se abrem para a comunhão com a Igreja local nestas nações.

*centros sacerdotais, gens,
secretaria dos movimentos
paroquial e diocesano*



As Comunidades dos Focolares encontram-se Da Suíça aos Emirados Árabes

Em Novembro de 2017, Beatrix Lederberger foi da Suíça a Abu Dhabi para realizar uma reportagem para uma revista eclesial de Zurique. Uma oportunidade para se encontrar com a comunidade local do Movimento dos Focolares, nos Emirados Árabes Unidos

Sentámo-nos num bar ao ar livre em Abu Dhabi. O ar quente do deserto envolvia-nos, os palácios à nossa volta pareciam tocar o céu. Melissa e Ângela, duas jovens amigas filipinas, falam-me com entusiasmo de como é bom morar nos Emirados Árabes Unidos (UAE). Tão limpos e seguros. Também o casal Ghadir e Hisham – da Jordânia, que moram em Abu Dhabi há 20 anos – afirmam que aqui ninguém rouba objetos perdidos. Enquanto me contam das suas vidas como trabalhadores estrangeiros, aprofundam também o conhecimento entre eles. Melissa e Ângela ficam espantadas ao saber que Ghadir e Hisham, cristãos desde várias gerações, são árabes. Pensavam que todos os árabes fossem muçulmanos.

A vida cómoda e segura nos Emirados tem o seu preço. A Leizl trabalha no Dubai,

faz muitas horas extraordinárias, a sua saúde sofre as consequências. Mas não se pode lamentar, porque os emigrantes recebem o visto da empresa que lhes dá emprego e podem ser despedidos de dois em dois anos. Se isso acontecer, não só ficam sem salário, mas sem carta de residência, sem direito aos serviços de saúde e sem subsídio de desemprego. Teriam que voltar para a sua pátria, onde não há trabalho.

Geralmente, os imigrantes vivem sobretudo na sua etnia: indianos, filipinos, paquistaneses, libaneses, etc. permanecem entre eles. «Nós, da "focolar family", pelo contrário, somos de 12 Países diferentes» conta a Leizl. Para se compreenderem, falam em inglês. Leizl conheceu o Movimento dos Focolares nas Filipinas. Quando partiu para ir trabalhar em Abu Dhabi, alguém lhe disse: «Se te vais embora, perdes o carisma

da unidade!» – mas não foi assim. Todos os que podem, encontram-se uma vez por mês no Dubai, no grupo da Palavra de vida. Recentemente nasceu também um grupo, mesmo em Abu Dhabi, facto que permite poupar uma hora de viagem. Há outros dois grupos, menos numerosos, no Qatar e no Reino do Bahrein.

Leizl mostra-me uma carta que recebeu da Maria Voce, Emmaus, pouco depois de mudar para os UEA: «Quero segurar-te, a ti e a todos os gen do Dubai, que estou perto de vocês e que vos tenho no coração. É uma grande consolação para mim saber que estão todos unidos e desejosos de levar em frente o Ideal de Chiara. Conto também com o vosso contributo para que o seu sonho, o mundo unido, se torne realidade. Faço votos que tenham muita luz e força, através do amor entre vós. Na unidade, que não conhece distâncias,



Beatrix, à direita, com Melissa e Angela

Emmaus». Esta carta é muito preciosa, exprime o segredo do seu amor e da sua vontade de se manter firme.

No ano passado, a «focolare-family» organizou, com o padre Willy, — um sacerdote focolarino que vive no emirado Ras al-Khaima, — a primeira Mariápolis, com 65 participantes. Naquela ocasião, Lenie e o seu marido conheceram os Focolares e — contam transbordantes de alegria — «encontrámos uma nova família».

Agora, a «focolare-family» está a preparar uma nova Mariápolis, que se vai realizar de 22 a 24 de fevereiro, precedida e seguida por um focolar temporário, com membros provenientes de diversos Países do mundo, enquanto a Jenny e a Leizl vão passar uma semana das

suas férias a Manila, para ajudar a preparar o Genfest.

Quando regresssei à Suíça recebi um WhatsApp do Dubai: «Dia 15 de dezembro vamo-nos reunir para a festa de Natal». Por pura coincidência, também a comunidade dos Focolares da minha cidade, Adliswil, se vai encontrar no mesmo serão. Então escrevo às minhas novas amigas. Como resposta, enviam-me um vídeo: 60 pessoas, crianças, jovens, adultos saúdam e gritam «Merry christmas from Dubai!». Fico comovida. No meio do deserto, numa sociedade aonde os bens materiais ocupam o primeiro lugar e tudo tem que ser mais alto, mais bonito, maior

do que em qualquer outro lugar no mundo, no meio de muçulmanos, as pessoas dos Focolares vivem a sua fé com simplicidade, abertas ao encontro com o outro e ultrapassando as fronteiras das suas nações, das Igrejas a que pertencem e religiões. A Laura é italiana, o seu marido trabalha aqui e os seus filhos frequentam a escola inglesa. Escreveu uma tese de master: «Cross-cultural analysis of Italy and UAE». Este facto permitiu-lhe ter contactos esplêndidos com os colaboradores do Bispo católico de Abu Dhabi e contribuir assim para o diálogo entre as culturas neste País tão especial.

Beatrix Ledergerber-Baumer

A comunidade de Abu Dhabi, no primeiro encontro da Palavra de vida



Gisella Calliari (Gis)

A fidelidade heróica da Gis

Uma das primeiras companheiras de Chiara e sua estreita colaboradora durante quase sessenta anos, a Gis deixou-nos, no dia 19 de janeiro, aos 97 anos de idade. «Mesmo com a dor desta grande perda - escreveu a Emmaus - permaneçamos com ela, um só coração e uma só alma, gratos pelo seu exemplo de fidelidade heroica ao seu desígnio».

Sendo a terceira de 3 irmãs (a seguir à Lúvia e à Ginetta), a Gisella, que Chiara chamou de Gis, nasceu em Lavis (Trento). O pai era ferroviário e faleceu prematuramente. A mãe conseguiu continuar a tratar da família, que ficou sem meios de sustento e que teve de deixar a casa que era concedida aos ferroviários. Com muitos sacrifícios, as três raparigas continuaram os estudos, mas nessa altura a Gis adoeceu e teve de ser internada num sanatório. «Foram meses difíceis - recordava a Gis - estava muito mal e eu achava que ia morrer. Mas, percebi mais tarde, o Senhor começava o seu trabalho...»

Quando recuperou, tinha apenas começado a segunda guerra mundial e, com a Ginetta, foi para Veneto para trabalhar na gestão de uma grande propriedade. «Uma colega de escola - recordava ainda a Gis - de vez em quando, escrevia-me umas cartinhas, que para mim eram muito significativas: "Na vida só Deus conta, só Ele tem valor. O resto é nada". Estas palavras deixavam-me pensativa. Um dia, depois da Missa, senti uma voz interior que me dizia. "Escolhe-me!". Estava a aproximar-se a Páscoa e ambas decidiram voltar para Trento para a passarem com a família. Logo que chegou, a Gis contactou a colega que lhe escrevia e que lhe deu a conhecer Chiara: «Foi uma apresentação breve - contava a Gis - trocámos poucas palavras. Foi a voz de Jesus nela que me fascinou. Informei



o proprietário de Veneto que já não voltaria e escrevi ao meu namorado: "Não é por nenhum outro homem que te deixo, é por Deus".»

Desde então, todas as ocasiões eram boas para se encontrar com Chiara: «Era uma descoberta sempre nova do Evangelho, que Chiara levava consigo para os refúgios antiaéreos. Eram palavras de fogo que mudavam o sentido a tudo. Não havia dificuldades, não existiam impedimentos de nenhum tipo para o pôr em prática». Entretanto, a Gis encontrou um novo trabalho. «Eu morava a alguns quilómetros de distância da "casinha" da Praça dos Capuchinhos, e o caminho era todo a subir. Levantava-me às cinco horas da manhã para ir à Missa das sete com Chiara, e depois ia a correr para o trabalho. No intervalo do meio-dia, voltava à Praça dos Capuchinhos. Uma manhã, à queima-roupa, a Ginetta perguntou-lhe «Onde é que vais?». Não sabendo o que lhe havia de responder, convidou-a a ir à "casinha". A Ginetta foi e descobriu que aquela era também a sua vocação.

Por causa da guerra, faltavam muitos bens de primeira necessidade e a Gis perguntava a si própria o que poderia fazer para que não faltasse o essencial na "casinha". A sua família possuía um campo que produzia fruta e verdura, mas como fazer para ir colhê-las se os únicos meios que circulavam nas estradas eram os tanques de guerra? Um dia, pôs-se à beira da estrada e,

quando passaram os tanques, experimentou pedir-lhes uma boleia. Estranhamente, um deles parou e ela subiu. O mesmo aconteceu no regresso, e assim pôde levar para a "casinha" uma quantidade considerável de alimentos. Quando a guerra terminou, quer a Gis quer a Ginetta pediram à mãe para irem viver com Chiara na Praça dos Capuchinhos. Naquele tempo, a licença dos pais era condição necessária, até para as pessoas com mais de 21 anos. A Ginetta podia ir, mas a Gis não. A solução foi encontrada pelo digníssimo Iginio Giordani (Foco), que, ao saber que a mãe Calliari gostava muito de ler os seus artigos, pegou em papel timbrado da Câmara dos Deputados e escreveu à Gis, dizendo-lhe que tinha para ela um trabalho de secretária. No dia 16 de dezembro de 1949, a mãe, muito contente por estar a fazer um favor a Giordani, deixou-a partir para Roma. Então, em Roma, com Chiara, Giosi, Graziella e Marilen nasceu o primeiro focolar na capital de Itália. Praticamente, desde então, a Gis viveu quase sempre com Chiara, no seu focolar, com alguns intervalos para iniciar e apoiar os inícios da Obra em algumas zonas italianas: Trento, Roma, Milão e Florença. Durante vários anos, foi também responsável pela secção das focolarinas.

Desta sua vida com Chiara, em 2005, ela própria disse: «É muito simples, límpida e

profunda. Tenho a impressão de me ter transferido nela: tudo aquilo que é meu é seu, tudo aquilo que é seu é meu. A vida com Chiara é profunda e simplicíssima, o sobrenatural é natural. Chiara é a pessoa mais normal que exista na Terra e a mais sobrenatural. Em Chiara o sobrenatural é natural. Chiara é a pessoa mais normal e mais sobrenatural que existe». Estas afirmações da Gis encontram correspondência nas palavras do diário de Chiara, de 1971, acerca das focolarinas que vivem com ela: «O "eu" importa pouco para elas. Elas sofrem pela Obra, por cada situação particular e vivem por ela, de verdade». E em 2002, Chiara, falando ainda



do seu focolar, afirmava: «A filadélfia é mais do que uma realidade. É nela que eu ganho forças para enfrentar as cruces de cada dia, depois da união pessoal com Jesus. Passa-se da sabedoria, comunicada com espontaneidade, aos

conselhos práticos sobre a saúde, o vestuário, a casa, a alimentação; ajudamo-nos contínua e diariamente, com sacrifícios que, muitas vezes, não se medem. Tem-se, em resumo, a certeza de que nunca se é julgado, mas sim amado, desculpado, ajudado. A traição, nem que seja mínima, é inconcebível. Corre sangue fraterno, mas que é celeste».



À esquerda: Palmira Frizzera, Gis, Oreste Basso, Aldo Fons Stedile

Gabri Fallacara, ex-responsável do Centro "Uno", recorda que a Gis, no seu escritório, começava a telefonar de manhã cedo a todas as pessoas que lhe estavam confiadas. Teciava uma rede de amor imediato e incisivo, abrangente. Dava a máxima confiança, dava dignidade ao sobrenatural que havia em nós para percebermos, a partir de dentro, aquilo que o Carisma, dia após dia, pedia a Chiara e a nós».

O Padre Hubertus Blaumeiser, sacerdote focolarino, membro da Escola Abbà, testemunha: "Há dez anos estive alguns minutos com a Gis, na casa de Chiara. Ela, com solenidade,



disse-me: "para estar unida com Chiara devo ter unicamente Jesus abandonado"».

Um aspecto que sempre caracterizou a Gis era a sua docilidade à vontade de Deus. Procurou vivê-la sempre, durante toda a sua vida, e isso veio mais em evidência depois da morte de Chiara, em 2008. Se antes tinha vivido por ela, após a sua morte, a Gis vivia por cada pessoa da Obra como se tivesse a própria Chiara diante de si, continuando a ser uma fonte que jorrava afeto, calor, ternura, partilha. Embora as suas capacidades cognitivas tenham diminuído nos últimos tempos, com o seu amor, continuou a criar condições para uma unidade cada vez maior.

Na primavera do ano passado, manifestou-se uma doença grave que a Gis viveu profundamente enraizada na vontade de Deus. Nos primeiros dias de julho a situação agravou-se e parecia que a morte era iminente. Mas, para surpresa de todos, melhorou. Os seus olhos, cheios de luz, pareciam fazer uma ponte

entre o Céu e a Terra. O seu quarto tornou-se o ponto de encontros de sabor a Paraíso, testemunhando o quanto Jesus Abandonado e Maria Desolada se tornaram o seu ser e o quanto, naquela cama, ela continuava a gerar a Obra. As focolarinas do seu focolar, que a acompanharam ternamente, dia após dia, apontaram as suas confidências: «Vou ter com Chiara». «Vocês amaram-me muito, peço perdão a todas». «Estou realmente pronta. Jesus Abandonado sabe agora o que deve fazer. Quero ir encontrá-Lo e basta» «Não consigo morrer porque o meu corpo não me segue». «Gostarias de ir para o Paraíso?». Respondeu: «Não consigo». «Estou à espera de Jesus, de Jesus no meu coração. Jesus pode vir a cada momento». E disseram-lhe ainda: «Gis, tenhamos Jesus no meio». Respondeu: «Jesus no meio não é uma coisinha de nada, é tudo». «Gis, saudaste muitas pessoas, agora descansa». E ela acrescentou: «saudei e amei».

A Palmira, uma das primeiras companheiras de Chiara, disse: "A Gis foi realmente a atuação da sua palavra de vida: "Homens de pouca fé, por que duvidais?" (Mt. 8, 26)". E a Emmaus, concluindo a leitura do seu perfil, na cerimónia do funeral, acrescentou: "Posso testemunhar que a Gis se entregou totalmente para continuar a fazer viver Chiara no Movimento, no momento atual. Ela deu-me uma grande lição de essencialidade, de radicalismo, de confiança nos desígnios de Deus, de unidade com todos».



Argira Curci

«Recebe a instrução na tua juventude e adquirirás sabedoria que durará até à velhice» (Sir 6,18)

A Argira, focolarina da Mariápolis Romana, natural de Bari, aos 26 anos, escreveu a Chiara: «Escolhi a profissão de assistente social para preencher o vazio que, aos dez anos, se abriu na minha alma, devido à morte do meu pai. Decidi dar um propósito à minha vida. Era talvez o eco da voz de Deus, da Sua Chamada. Ele queria fazer-se ouvir, fazer-se ver, e levou-me até ti. Tu fizeste com que eu conhecesse Deus-Amor e o valor que a vida tem, se for vivida só por Ele». No ano seguinte, escreveu também: «Quando li a tua meditação "Tenho um só Esposo sobre a Terra", senti mais forte o chamamento da vocação, compreendi a imensa dádiva do Ideal, senti-me dona do mundo. Foi então que O escolhi, no seu Abandono. Disse-Lhe que também eu, tal como tu, O procurei loucamente, sempre e em toda a parte».

A seguir à escola de formação (1961-1962), a Argira foi para o focolar de Trieste e depois foi para a Argentina e para o Uruguai. Neste último país, trabalhou como correspondente local da RAI, e era muito estimada pelo diretor e pelos colegas. Foi um exemplo para muita gente que, ainda agora, a recorda com gratidão. Continuou a escrever com frequência a Chiara: «o teu último diário foi uma dádiva sem paralelo, a tua decisão de te fazeres santa transmitiu-me uma força única e asseguro-te que esta é também, agora, a minha decisão, apesar de sentir que é difícil e de eu ser fraca. Como nunca, consagrei-me a Jesus Abandonado e a Maria Desolada».

Nos anos 70' voltou para a Itália, ficou em Nápoles durante bastante tempo, trabalhando como assistente social e ajudando muitas pessoas com o seu grande sentido de humanidade, alicerçado na vida do Ideal. Durante alguns anos, deu um contributo precioso ao ramo das



religiosas, estabelecendo numerosos e profundos relacionamentos. No final da década de 80', mudou-se para o Centro do Movimento e, seguidamente, para a Zona dos Castelos Romanos onde, apesar dos evidentes sinais de incapacidade física, com a sua alma transparente, "tocava" os corações de muita gente. Apesar dos seus

limites provocados pela doença, até que lhe foi possível, procurava estar em contínua doação e tinha um grande amor pelas outras focolarinas doentes. Nos últimos dias, com 85 anos de idade, a saúde da Argira agravou-se muito rapidamente. No dia 10 de dezembro, dia da festa de N. Senhora de Loreto, durante mais de meia hora, fez sorrisos maravilhosos. Depois, deixou de respirar e partiu serenamente para o Céu.

Margaret Rose Anthony Herman Gill (Perla)

«Desposar-te-ei para sempre» (Os 2,21)

A Margaret, focolarina do Paquistão, de 65 anos de idade, no dia 31 de dezembro, levantou voo para o Céu, precisamente quando participava no retiro anual, juntamente com as focolarinas e os focolarinos de todo o Paquistão, reunidos em Lahore. Tendo em vista o "crescimento" de todos, também a Margaret - que fazia tratamentos por causa de uma doença grave - conseguiu pôr em comum os efeitos que o seu "sim" total à vontade de Deus realizou na sua alma e a graça de poder construir um relacionamento cada vez mais profundo com Ele. Na noite de 31 de



dezembro, inesperadamente, as dores intensificaram-se. Passaram-se três horas em que se preocupava mais com os outros do que consigo própria. E Maria, no dia da sua festa, levou-a para si. O retiro, que se tornou inesquecível por causa da dádiva da Margaret, concluiu-se na escuridão da noite, com as velas que iluminavam o tapete de pétalas de rosa que cobriam a sua sepultura.

A Margaret era ainda muito jovem quando, graças ao seu tio, o Bispo Anthony Rufin (ver *Revista Mariápolis* n. 12/2016), conheceu o Movimento e, para o aprofundar, foi viver durante um ano para as Filipinas. Aí, descobriu que Deus a chamava ao focolar e foi para a Escola de Loppiano. Escreveu a Chiara: «Perguntava a Jesus: o que Te posso oferecer, não tenho nada a não ser o meu "sim" totalitário e para sempre: aceita-me e ajuda-me a ser fiel, como tua esposa, até ao fim». Quando se abriu o focolar no Paquistão, voltou ao seu país e doava-se com um amor delicado e incansável, especialmente nos momentos de dificuldade. Foi muito amada, quer pelos seus alunos quer pelas pessoas da comunidade. De regresso ao Paquistão, depois de ter passado alguns anos num focolar da Áustria, escreveu a Chiara: «Jesus trabalhou muito a minha alma. Sinto que Ele tirou de mim, todos os dias, bocado após bocado, para me tornar cada vez mais como Jesus, uma pequena Maria. Agora, sinto-me livre de tudo, de todos os apegos, de todos os medos, de todas as dificuldades: sou só de Deus!».

Este seu compromisso mudou muitas situações à sua volta. Com a fidelidade a Jesus Abandonado, fundamento da sua vida, ultrapassou sempre tudo e enfrentou a última provação da saúde como uma oportunidade para se preparar para ir para o Céu, «para recuperar aqueles vazios que todos deixamos na nossa vida e preenchê-los com o amor». Cresceu a união com Deus, a quem ofereceu, com generosidade, a intensificação do sofrimento físico. Quem a conheceu no focolar, recorda-a como uma verdadeira «Pérola», o nome novo que Chiara lhe tinha dado.

D. Juan de Dios Metaflorida Pueblos

Bispo com um grande coração, muita paciência e muita caridade

Nascido na ilha de Bohol, no sul das Filipinas, o jovem Juan de Dios - Didi, para os amigos - escolheu o caminho do sacerdócio. Depois da ordenação (1968) desempenhou vários cargos: vice-pároco em algumas paróquias, professor e diretor da Escola que ele próprio tinha frequentado, pároco, diretor espiritual e reitor do seminário. Em 1984, o Cardeal Sin, de Manila, chamou-o para trabalhar na capital e, sabendo do seu desejo de estudar em Itália, encaminhou-o para a escola sacerdotal de Loppiano. Mesmo se não era este o destino que o D. Didi sonhava, a espiritualidade da unidade causou uma tal impressão na sua alma que decidiu servir a Obra, como sacerdote focolarino. Um dia, enquanto ainda estava em Loppiano, a trabalhar na lavandaria, chegou a sua nomeação de Bispo Auxiliar de Davao. Teve que voltar logo para as Filipinas, mas primeiro pediu a Chiara para o ajudar a escolher o seu lema espiritual: «Per fratres ad Patrem». Em 1997, foi ele que recebeu Chiara, na sua qualidade de Bispo, por ocasião do doutoramento *Honoris Causa*, em Teologia, atribuído a Chiara pela Universidade de Sto. Thomas, de Manila.

Em 1987, o D. Didi foi nomeado Bispo de Kidapawan, lugar onde existiam grandes tensões entre cristãos e muçulmanos, tendo-se tornado um eficaz instrumento de diálogo. Foi depois transferido para Butuan, onde permaneceu até quando nos deixou para ir para o Paraíso, no dia 21 de outubro, aos 74 anos de



idade. Dele permanece a recordação de um homem de grande coração, de muita paciência e de muita caridade: um verdadeiro filho de Chiara.

Francis Xavier, card. Kriengsak Kovithavanij

P. Frank-Heiner Meyer

Em Jesus Abandonado está a resposta

No dia 12 de dezembro, Deus chamou à Mariápolis Celeste, aos 80 anos, o P. Frank-Heiner, sacerdote focolarino, de Berlim oriental. Tinha apenas sete anos quando, durante a segunda guerra mundial, perdeu o pai. A mãe, que ficou sozinha com duas crianças pequenas, tentou fugir com elas para a parte Oeste mas, durante o trajeto, o Frank-Heiner perdeu-se e vagueou sozinho no meio de grupos de refugiados até chegar à Baviera, onde, quatro meses depois, miraculosamente, encontrou a mãe e a irmãzinha. De volta a Berlim, enquanto se preparava para o sacerdócio, conheceu a espiritualidade da unidade e, no amor a Jesus Abandonado, encontrou a resposta para as suas muitas dúvidas. Aos 27 anos, foi ordenado sacerdote. Desempenhou zelosamente a sua função de capelão, frequentando assiduamente, apesar da longa distância, os encontros com alguns sacerdotes de Herten. Deu

a conhecer o espírito dos Focolares a muitos jovens, entre eles a Ulli Buechl, que se tornou uma focolarina.

Mas bem cedo, surgiram as consequências dos traumas sofridos na infância e o P. Frank-Heiner deu provas do seu grande amor a Jesus

Abandonado, aceitando com infinita paciência os altos e baixos da sua saúde. Com o consentimento do Bispo, aceitou o convite dos sacerdotes focolarinos para se mudar para Herten, onde podia fazer vida comum com alguns deles. O P. Gehrard Sievers testemunha: «Vivemos juntos durante 13 anos. Ele estava sempre no amor: eu confiava-lhe as minhas preocupações e ele aconselhava-me com muita sabedoria». Graças aos tratamentos médicos e ao clima de família com que era rodeado, o P. Frank-Heiner continuou a manter a confiança em Deus até ao fim, ancorado no amor a Jesus Abandonado e na presença constante de Jesus no meio.

P. Wilfried Hagemann

Emmanuel (Noel) Jesus

Um protetor do Genfest 2018, no Céu

O Noel (diminutivo de Emmanuel, confirmado por Chiara, com o significado de «Deus conosco»), nasceu nas Filipinas. Tinha apenas 3 anos quando aderiu ao Movimento, subindo para o palco para dançar enquanto a *banda* tocava. Parecia apenas um jogo, mas, quando se tornou um gen4, com 6 anos, tinha já um ato de amor para partilhar: aqueles sapatinhos que tinham acabado de lhe comprar, deu-os para os meninos de um bairro onde tinha deflagrado um incêndio e fez isso, explicou, «porque vi Jesus neles!».

Quando era um gen2, realizou o sonho de participar na escola gen de Loppiano, onde aperfeiçoou ainda mais o seu espírito de doação. De regresso às Filipinas, tornou-se uma referência para os outros jovens, um estímulo



de perseverança, de esperança e de seguir unicamente Deus. Como era excelente a desenhá-la à mão, especializou-se como artista gráfico: uma das suas obras foi exposta no Café Mediterranean de Manila. Devido ao seu estilo moderno, que tinha por base o conhecimento dos grandes mestres, era muito estimado pelos seus colegas de trabalho e pelos seus clientes, também porque era uma pessoa em quem se podia confiar, concreto, e que respeitava os prazos de entrega. Para eles era fácil perdoá-lo se, por vezes, de repente, adormecia sobre o computador, devido ao facto de sofrer de apneia do sono.

Todas as vezes que era necessário um desenho ou um projeto gráfico para as atividades

da Obra, punha o seu talento à disposição. Como por exemplo, nestes últimos tempos em que, em Manila, fervilham os preparativos para o Genfest 2018. Tinha quase 38 anos, mas para os jovens do grupo era como se ele fosse um deles. Na noite de 2 de setembro, uma imprevisível complicação respiratória, durante o sono, levou-o diretamente para a Mariápolis Celeste. O Noel deixou-nos o testemunho de quem, realmente, soube dar tudo de si, sem se poupar e sem esperar nada em troca. Toda a gente o recorda como um amigo, um mestre, um gigante com um coração de ouro, e agora também um protetor no Céu a quem podemos confiar o Genfest 2018.

Grace, Paul, Lela, Paula, Edith, gen di Manila

Ir. Marie-Madeleine Vandembemt

Não falar do Ideal, mas incarná-lo

O primeiro contacto da Ir. Marie-Madeleine - religiosa belga das Irmãs de St. António de Pádua - com o Movimento, remonta a 1968, quando, num curso para catequistas, conheceu uma voluntária que muitas vezes se oferecia para a acompanhar até ao convento e lhe falou do Ideal. Pouco tempo depois, a sua superiora geral participou numa Mariápolis e passou a convidar, periodicamente, as focolarinas para contarem as suas experiências do Evangelho a todas as irmãs. A Ir. Madeleine não teve mais dúvidas sobre a sua escolha de viver o carisma da unidade. Percebeu que o Evangelho lhe pedia para amar a todos, em cada circunstância, e começou a alegre experiência de o viver, afirmando que esta nova vida a fazia tornar-se «uma religiosa melhor, até nas pequenas coisas. Com a Vale - contou - aprendi que devemos ser como um espelho que reflète Deus sobre a pessoa que está diante de nós, amando-a com todas as nossas forças, sem pensar em quem tínhamos encontrado



antes ou em quem vamos encontrar depois. A Vale dizia-nos também para não falarmos do Ideal, mas para o incarnarmos e vivermos também de acordo com o nosso fundador».

Com o avançar da idade deixou de poder participar nas

atividades do Movimento, mas alegrava-se sempre com todas as notícias que as focolarinas e as pessoas da comunidade lhe transmitiam. Numa das últimas visitas das focolarinas, confiou: «agradeço a Chiara por ter dito, em 1943, o seu "sim" a Deus! E agradeço a todas as pessoas com as quais vivi o Ideal. Estou feliz com a vida que tive». No dia 9 de novembro, com 95 anos de idade, a Ir. Marie-Madeleine foi serenamente ao encontro do Esposo Celeste.

Colette Le Tolguéneq

Piera Del Bello Balduzzi

*Pedra viva da cidadela de
Loppiano*

Aos 11 anos, a Piera deixou a sua terra natal, na província de Bérgamo, para ir trabalhar para casa de uma família, em Milão. Foi uma experiência muito dura que a "moldou" humana e moralmente. Alguns anos depois, conseguiu um trabalho de enfermeira, num hospital perto da sua terra e aí conheceu o Matteo, com quem se casou. Desde logo, entre eles, surgiram dificuldades de relacionamento que, aliadas ao facto de não poder ter filhos - como Lhe tinha sido diagnosticado - a fazem pensar na separação. Graças ao cunhado, o Tino Piazza, ouviram falar do Movimento e, juntos, participaram na Mariápolis. A Piera ficou fulgurada. Não só o casal se reconcilia, mas também pouco tempo depois, de todo inesperada, surgiu a notícia de uma gravidez. Com o decorrer dos anos nasceram 10 filhos, tendo um deles partido para o Céu cinco dias depois de nascer.

Tudo funcionava sem problemas: uma casa bonita, o Matteo tinha um bom trabalho, muita dedicação em casa por parte da Piera que, por causa da sua escolha de ser uma voluntária da Obra, não se poupava em doar-se também fora de casa. Em 1974, foi-lhes feita a proposta de se mudarem para Loppiano para ajudarem na construção da cidadela. Aceitaram, apesar de já terem cinco filhos, de não terem nenhuma garantia e de os esperar um apartamento minúsculo e pouco cómodo. «Penso que tenha sido Nossa Senhora a fazer com tivéssemos dito que "sim"», contava a Piera, que, com o mesmo amor com que tratava dos filhos, participava na vida e no crescimento de Loppiano. Em Jesus Abandonado encontrou forças para ultrapassar todas as dificuldades. Escreveu a Chiara, em 1975: «... tive a graça de me sentir enamorada d'Ele e um grande desejo de O descobrir todos os dias, para O poder abraçar e Lhe dizer: amo-Te».



Em 2015, surgiu a doença. «Jesus Abandonado - escreveu à Joxepi Zubillaga, responsável da cidadela - chegou em grande estilo para me visitar com um vestido novo. Apesar do sofrimento, disse o meu "sim". Se esta é a Sua vontade, com a Sua graça, será também a minha. Ofereço tudo pela minha família, pela cidadela...» Não podendo participar no retiro anual das voluntárias, escreveu: «Procu

fazer cada pequena coisa como se fosse a última, como Chiara nos ensinou, e é fantástico. Jesus Abandonado apresenta-se todos os dias com uma face nova, e a cada pequeno "sim" que consigo dizer, parece-me que Ele me olha e que eu posso vê-Lo. Não é maravilhoso? Muitas vezes é difícil, mas juntos conseguimos».

No dia 18 de dezembro, com 77 anos de idade, silenciosamente, como sempre viveu, a Piera partiu para o Céu. A sua Palavra de Vida era: «Se alguém entrar por mim, será salvo». (Jo 10,9).

Aurelia Nembrini

Albino D'Amico

Doação sem limites

O Albino, que era fabricante de móveis, de profissão, foi o primeiro jovem de Appignano (Macerata) a aderir ao convite do pároco coadjutor para formar um grupo do Movimento Paroquial, tendo-se tornado uma sua "coluna" durante quase cinquenta anos. Foi, a partir daquele grupo que, em 1984, nasceu o atual Movimento Diocesano de Macerata.



Na vocação do voluntário, descobriu a sua própria vocação, e inseriu-se num núcleo. Com quem se cruzava, procurava pôr em prática o mandamento novo de Jesus: na família, no trabalho, no contexto social ou na paróquia, onde era catequista, ministro extraordinário da Eucaristia e membro do conselho pastoral. Era um grande entusiasta na divulgação de Città Nuova, acompanhava os grupos da Palavra de Vida, e organizava sempre a viagem anual da comunidade local a Loppiano.

Há três anos foi-lhe diagnosticada uma doença grave que, como testemunham os familiares, enfrentou sem nunca se lamentar, abraçando nela, com amor, Jesus Abandonado. No dia 15 de agosto, dia de N. Senhora da Assunção, com 78 anos de idade, o Albino concluiu a sua santa viagem. No funeral, a grande igreja paroquial estava superlotada, testemunho tangível da sua doação exemplar e sem limites. Um dos seus três filhos, dirigindo-lhe a última saudação, resumiu a vida do pai com estas três palavras: fé, família e trabalho.

Giorgio Belardinelli



Anna Maria Cavazzoli Mora

*Abraçar Deus mesmo nas
provações mais difíceis*

A Anna Maria e o marido, o Silvio, foram dos primeiros jovens casais da zoneta de Bolonha (Itália)

que, no início dos anos 60, conheceram a espiritualidade dos Focolares e que dela deram testemunho na vida social e na Igreja local. Tornou-se uma voluntária, transmitindo o seu contributo de harmonia e de bondade em todas as atividades e eventos da Obra. Uma amiga testemunhou: «A Anna Maria escolheu e amou sempre Deus, conseguindo, por causa deste treino, abraçá-Lo mesmo nas provações e nos sofrimentos mais difíceis, como a morte do marido e o último período da sua vida».

No dia 7 de agosto, com 87 anos de idade, partiu deste mundo, tendo cumprido uma vida

Antonio Morales Gómez-Caminero

O Ideal era o seu estilo de vida

O Antonio – de Jaén (Espanha) – conheceu o Movimento aos 46 anos e o Ideal tornou-se o seu estilo de vida. Funcionário público em vários Ministérios, descobriu na vocação do voluntário o seu caminho. No vocabulário do Antonio não existia a palavra «não». Com a Lola, a sua mulher – também ela voluntária – eram um dos casais de referência no Centro Diocesano de orientação familiar e na paróquia. O sentido paternal e a disponibilidade de ambos faziam com que todos se sentissem em família.



Com sabedoria e amor, ajudava os voluntários do seu núcleo salientando o que era mais importante: a relação com Deus e, quando necessário, tornava-se mediador para restabelecer os relacionamentos. Quando enviava a Palavra de Vida às pessoas que lhe estavam confiadas, escrevia sempre uma frase especial para cada uma.

Quando se reformou, com 65 anos, foi muito elogiado pelos superiores hierárquicos e pelos colegas. «Diante da sua religiosidade – dizia o diretor – quero salientar o respeito que tinha para com os outros e, ao mesmo tempo, a firmeza das suas convicções».

Há onze anos, a Lola deixou este mundo. O Antonio viveu este grande sofrimento em Deus, não se fechando em si mesmo, estando sempre disponível a ajudar quem se cruzava com ele. Passou os últimos anos de vida num lar de idosos, juntamente com outros voluntários, formando uma célula viva que irradiava calor no ambiente em que viviam. «A minha mala está pronta», dizia muitas vezes. No dia 10 de setembro, com 91 anos

vivida num amor especial pelo carisma da unidade fazendo seu o: «Que todos sejam um». Foi esta a dádiva que deixou aos filhos, Franco e Giorgio, e a todos nós.

Daniela Nicolini Palmieri

de idade, concluiu em paz a sua Santa Viagem, rodeado pelos dois filhos.

Toni Torres

Victor Pagunsan

Uma grande força de vontade

Natural das Filipinas, desde jovem que o Victor dava provas de uma grande força de vontade. Apesar de ter de cuidar dos seus seis irmãos, por ser o mais velho, conseguiu frequentar a universidade de Cebu e licenciou-se em Economia e Comércio. Depois de ter conhecido o Ideal da unidade, tornou-se um voluntário. Com a mulher, emigrou para a Austrália, onde encontrou trabalho no Ministério da Saúde. Entretanto, nasceu a filha, Mairene, e toda a família participava no Movimento.

Nos primeiros anos da década de 90, foi-lhe diagnosticada uma grave doença degenerativa. O Victor estava determinado a não parar por causa da doença e manteve-se a trabalhar no Governo até que lhe foi possível. Na paróquia criou um grupo de apoio para ajudar pessoas deficientes. Como sinal de reconhecimento e estima por esta iniciativa, no ano 2000, foi designado para transportar a chama olímpica numa parte do percurso até Sidney.

A saúde foi piorando cada vez mais, tendo que se mudar para um centro de assistência a tempo inteiro. Para uma pessoa ativa como ele, isto foi um grande sofrimento, mas com a força de vontade que o distinguiu, recebeu com amor esta vontade de Deus. Quem o visitava, ficava tocado pelo seu testemunho. Nos últimos dois anos só podia mover as mãos.

Apesar disso, continuava a amar - com a família no coração e no pensamento - oferecendo todos os sofrimentos por todas as pessoas que sofriam física e espiritualmente. Os seus companheiros de núcleo e a comunidade do Movimento iam muitas vezes visitá-lo, acompanhando-o até ao encontro com o Pai, a quem tanto amava. O Victor deixou-nos no dia 12 de março de 2017, com 69 anos de idade.

Kevin Kelly

Os nossos parentes

Passaram à Outra Vida: a **Elida, mãe do Francisco Canzani**, e a **Germaine, mãe do Marc St-Hilaire**, focolarinos no Centro da Obra; a **Silvana, irmã do Arnaldo Diana**, focolarino na Mariápolis Romana; o **Giovanni Battista, pai do Doriano Danieli**, focolarino em Loppiano; o **Remo, pai da Federica Alloisio**, focolarina em Génova; o **Giuseppe, irmão do Lucio Geronazzo**, focolarino em Pescara; a **Taziana, irmã da M. Giulia Carli**, focolarina em Trento; a **Madeleine, mãe do Chris Bilong**, focolarino em Abidjan (Costa do Marfim); O **Llesch, pai da Reggina Paluca**, focolarina na Albânia; o Giovanni, irmão do **Mario Silvestri**, focolarino casado do Lázio Norte; a **Adelina, mãe da Elisabetta Parisi**, focolarina casada da Catânia; O **Angelo, pai da Patrizia Servida Franceschini**, focolarina casada na Mariápolis Romana e da **Valeria Servida Alessandrini**, voluntária do Lázio Norte; o **Josè, pai do Aurelio Soto**, focolarino em Cochabamba (Bolívia); a **mãe da Martine Schneider**, focolarina em Genebra; a **mãe da Aga Ghislaine Kahambu**, o **pai da Marie Gorette Ralalaharisoa** e a **mãe da Isolde Böttger**, focolarinas no Congo; a **irmã da Teresia Kropp**, focolarina na Zâmbia; o **irmão da Margrit Francisca Monteiro**, focolarina na Costa do Marfim; **Raimunda, a mãe**, e o **Manoel, irmão da Maria do Parto Moraes**, focolarina no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo; o **Anton, pai da Regina Hessler**, focolarina no Centro Mariápolis de Viena; a **Maria, mãe da Carmen (Seg) Soto**, focolarina na Cidadela Castelo Exterior (Espanha); o **Mario Sandro, irmão da Luisa Ajroldi**, a **Shawkiya Al Khoury, mãe da Mirvet Kelly** e a **Angela, mãe da M. Franca (Nati) Cavati**, focolarinas na Mariápolis Romana.

MARIÁPOLIS NOTICIÁRIO INTERNO DO MOVIMENTOS DOS FOCOLARES

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Janeiro e fevereiro de 2018 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Iris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora: Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de registo na C. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).



10 anos depois... em Portugal

14 de março 2018, quarta-feira

19:30 horas – Missa na Cidadela Arco-íris

20:30 horas - Missa no CIMT - Rua do Breiner - Porto

«... Jesus é Deus, fez-se homem, veio à Terra... Acham que Ele não resolve os problemas sociais? Jesus não veio apenas para salvar a nossa alma e para nos levar para o Paraíso. Veio também para saciar a nossa fome. Aliás, passou grande parte da sua vida a curar doentes, a sarar todos e até a ressuscitar os mortos. A sua vida era humana e divina, uma vida só, mas humana e divina. ... Se compreendêssemos bem Jesus, quem é Jesus, resolveríamos tudo. ... estamos sozinhos, somos pequenos, mas temos um tesouro... mais cedo ou mais tarde explodirá.

Chiara Lubich, Rocca di Papa, 25 de janeiro 1975

18 de março 2018, domingo

Lisboa – Colégio São João de Brito

Porto – Matosinhos

CHIARA LUBICH: UMA MULHER SINGULAR

EXPOSIÇÃO: 16 Doutoramentos Honoris Causa, vários prêmios e muitas cidadanias honorárias, **inauguração a 08-03-2018, no Campus Universitário da Penteadá, Funchal, pelas 18h00m.**

CONFERÊNCIA: com Anna Maria Rossi do Centro Chiara Lubich (Castelgandolfo), dia **14-03-2018, no Colégio dos Jesuítas, Funchal pelas 18h00.**

Promovido por:

- UNIVERSIDADE DA MADEIRA
- FACULDADE DE ARTES E HUMANIDADES
- DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS
- SECRETARIADO DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA
- MOVIMENTO DOS FOCOLARES